

RELATOS DE VIAGEM – NOSSA AVENTURA NO RIO DE JANEIRO

ILSE LEONE B. C. de OLIVEIRA (ORG.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
GOIÂNIA
2017

Apresentação

Encontra-se aqui uma coletânea despretensiosa e sincera: um conjunto de relatos de viagem produzidos por alunos do 3º ano do ensino médio, 2017, do CEPAE-UFG. Além dos textos dos alunos, esta apresentação e mais o testemunho de outro professor participante dessa aventura viajante.

A ideia de organizar essa coletânea é, certamente, fruto do desejo de que uma experiência pedagógica, mas sobretudo uma experiência de vida – partilhada com colegas, professores, alunos, amigos – não se perca nos escaninhos da memória não produzida.

É também fruto do respeito pela produção escrita dos alunos. Insistentemente propomos como tarefa a produção de textos, conclamando-os a ocuparem a função de sujeitos autores, no entanto, o mais comum é relegar essa produção à condição de mero texto escolar, que não chega a outros sujeitos leitores que não a professora.

Os relatos presentes nessa coletânea passaram, sim, por uma revisão negociada com seus autores. Mas todos os textos produzidos, sem exceção, aqui se encontram. Não houve seleção ou exclusão, pois consideramos que, como relato de viagem, cada autor privilegiou os aspectos ou acontecimentos que mais de perto falaram a sua subjetividade. Por isso, ainda que o texto não tenha atendido a proposta apresentada aos alunos, ele aqui se acha. A referida proposta pode ser conferida em texto anexo, ao final da coletânea.

A proposta deveria ser realizada inclusive por aqueles alunos que, por qualquer motivo, não embarcaram na viagem geográfica. Nesse caso, o texto se configuraria predominantemente como ficção. Esses textos também compõem essa coletânea e, propositalmente, não os identificamos como diferentes daqueles produzidos pelos alunos que viajaram. Há apenas um caso em que a aluna declara não ter ido e faz isso de forma bastante autoral.

Em que pese ser este um projeto acadêmico, de ensino, realizado sob, primeiro, os auspícios de uma instituição oficial de educação e, segundo, a vigilância e o acompanhamento de professores, a oportunidade foi de aprendizagem e crescimento humano. Para os alunos, porque tiveram uma convivência muito próxima, durante quatro dias; também porque perceberam a necessidade de todos se apoiarem, uma vez que já não eram duas turmas de 3º ano, mas um grupo de estudantes longe de casa, em “terras estranhas”; e, fundamentalmente, porque vislumbraram outros horizontes geográficos e culturais.

Para mim – não falarei pelos colegas companheiros de aventura; deixo a eles o espaço para que exponham suas impressões – porque essa ousadia de gostar de lidar com adolescentes, esse atrevimento de atravessar mais 1000 km levando-os, sob a própria responsabilidade, a mais uma aventura de descobrimento de si mesmos provoca um efeito meio que retrato de “Dorian Gray”: eles amadurecem, eu rejuvenesço. Tenho muito a agradecer a esses companheiros de viagem.

Os interessados em viajar conosco encontrarão neste livreto, após essa breve apresentação, as considerações do Prof. Alcir Horácio da Silva e o relato do Prof.

Pítias Alves Lobo. Aos dois agradeço profunda e sinceramente por terem se disposto a participar desse acontecimento. A seguir, embarcarão nos 38 relatos produzidos pelos alunos.

A participação efetiva do Prof. Alcir nessa atividade, assim como a presença e a colaboração do Prof. Pítias e de Anna Carolina Souza de Oliveira, estagiária da FEFD e ex-aluna do CEPAE, foram fundamentais na realização desse projeto.

Imensamente agradeço ao Paulo César Martins de Souza Filho – aluno de singular inteligência, sensibilidade e disponibilidade em cooperar nas mais diversas circunstâncias – pela belíssima arte na criação da capa do nosso livro.

Boa viagem!!!

Ilse Leone B. C. de Oliveira

Alcir Horácio da Silva

No ano de 2016, recebi um convite da Prof^a. Ilse para participar de uma viagem ao Rio de Janeiro, acompanhando duas turmas de 3º anos do Ensino Médio. Essa viagem é uma atividade que compõe o Projeto de Leitura Literária para o 3º ano do Ensino Médio na disciplina de Língua Portuguesa, ministrada por ela. Visitamos o Museu do Amanhã, alguns bairros como Arpoador e Copacabana e as praias de mesmo nome.

Nesta viagem tivemos o desafio da grande responsabilidade de acompanhar alunos, em sua maior parte, adolescentes, para uma grande metrópole, conhecida mundialmente pela sua beleza natural e pelo seu alto índice de periculosidade. Vale destacar que, neste período, estavam ocorrendo as Paralimpíadas 2016 e o Rio de Janeiro estava tomado de turistas de todo o mundo.

Nossos planejamentos iniciais, desde as reuniões preparatórias com os alunos e seus respectivos responsáveis, a reserva dos espaços a serem visitados, bem como a segurança foram cumpridos e não houve qualquer incidente que merecesse registro, o que nos indicou que poderíamos manter o projeto para o ano de 2017.

No ano de 2017, repetimos a dose e incluímos no Projeto de Leitura Literária uma atividade ligada à Educação Física, pois ministrou uma disciplina eletiva chamada Esporte de Raquete Frescobol para o Ensino Médio e, naturalmente, poderíamos fazer uma atividade no habitat natural dela, a praia.

Nestes dois anos ficamos alojados no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ), na Lagoa Rodrigo de Freitas. A escolha do local foi intencional, na medida em que também somos, na nossa origem, um Colégio de Aplicação e, também, por ficar, estrategicamente, num lugar central, próximo dos locais que iríamos visitar na cidade. No ano de 2016, fizemos uma atividade promovida pelo Departamento de Geografia do CAp-UFRJ com uma boa participação dos nossos alunos que se integraram perfeitamente com os alunos do CAp-UFRJ. Foi uma experiência riquíssima para todos nós!

Neste ano de 2017 realizamos os mesmos procedimentos preparatórios, inclusive estabelecendo acordos entre os alunos e os pais, quanto às atitudes que seriam ou não permitidas, por parte dos coordenadores da viagem.

Durante as atividades deste ano, um fato nos chamou a atenção e mereceu registro: desobediência por parte de alguns alunos aos acordos que foram feitos anteriormente.

Este fato me fez repensar a continuidade do projeto para o ano de 2018, pois minha compreensão é que não houve responsabilidade, por parte de alguns alunos, com os objetivos da viagem. Cheguei a conversar com a Ilse sobre isso e relatei que não faria mais parte deste projeto!

É importante destacar que a desobediência, apesar de ser de alguns alunos, influencia no projeto como um todo, pois qualquer erro que ocorrer pode trazer consequências imprevisíveis para todo o grupo. Os alunos e pais foram avisados e concordaram com os termos apresentados pela coordenação para a viagem.

Todavia, pensando melhor, e com mais calma, resolvi voltar atrás e neste ano de 2018, estaremos novamente levando os alunos dos 3º anos do Ensino Médio para o Rio de Janeiro.

Com as experiências acumuladas, estamos verificando a possibilidade de nos alojarmos em outro Colégio de Aplicação, próximo do Rio de Janeiro, o CAp João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora. Esta mudança – também estratégica, pois a cidade de Juiz de Fora é caminho do Rio – tem o objetivo de proporcionar melhor acomodação para os alunos e professores.

Por fim, gostaria de relatar o motivo que me leva a assumir esta responsabilidade: a retribuição. Enquanto aluno de escola pública, eu tive a oportunidade de também fazer várias viagens promovidas pelas escolas em que estudei e sempre houve professores que nos acompanharam nestas viagens!

Sou grato a eles, bem como sou grato a todos os colegas que me proporcionaram estar presentes nestes momentos da minha docência, em especial à Profª. Ilse, colega por quem tenho uma admiração e respeito profundo pela sua educação, profissionalismo e trabalho.

Que venham outras viagens, outros “mares” e outras “terras” a desvendar!
Há braços!

Pítias Alves Lobo

Falar dessa viagem é explorar o meu universo biográfico, foi no Rio, sim! No Rio de Janeiro que fui fecundado, na lua de mel dos meus pais, a atração pela cidade maravilhosa percorre veias e veios da minha goianidade. Porém, nasci nos beirais da terra dos pequizeiros, Goiânia. Um pé lá, outro cá, um “híbrido” ser, comum entre nós brasileiros, cercados de uma rica miscigenação e calorosa convivência, muitas vezes ameaçada pelas intolerâncias de um passado que se faz presente, lamentavelmente.

Fazer esse relato é mergulhar nas profundezas daquilo que nos une na dimensão da brasilidade. É lembrar, pelos trilhos do Museu do Amanhã, uma rica experiência que nos faz sentir saudades do futuro; uma experiência incomum e contraditória no século XXI, pois trouxe um encantamento reflexivo e direcionado às possibilidades de uma sociedade bem diferente dessa. Porém, acresce a isso que toda a estrutura e desenvolvimento fora patrocinada pela Rede Globo e pelo banco Santander, instituições que nada escondem e desintegram o teor crítico e emancipatório do experimento educativo. É necessário, nesse momento, estarmos atentos e fortes para lermos e diferenciarmos a aparência e a essência dos fenômenos da vida, sermos críticos com toda a ternura de um amanhã possível.

É com essa imensa riqueza da vida e, por isso, desnudante, do Rio de Janeiro que percorro as ruas da Lagoa Rodrigo de Freitas, do Túnel Rebolsas, o conjunto das Favelas e, dentre elas, a da Maré, da histórica e primeira escola de educação física civil do Brasil, localizada no fundão da UFRJ; e a Praia do Diabo: cenário democrático da lazerania com o frescobol, o futevôlei e à (a)bundância drummondiana, irradiada pelo sol, que do céu, ao anoitecer, Oxalá tirava fotos do Rio, com seus raios a cortarem as nuvens.

Esse mesmo Oxalá nos presenteou, com uma passeata em plena Avenida Atlântica, em Copacabana, no último dia de visita, contra a intolerância religiosa, que reuniu milhares de pessoas, umas 20.000, e, dentre elas, umbandistas, candomblecistas, espiritualistas, cristãos, ateus e outros credos a celebrarem profundamente o amor, esse mesmo sentimento que acolhe todas as gotas de chuva ao mar sem discriminar nenhuma.

Ao saborear esse cenário estonteante e, a cada vez que revisito o Rio, me realizo e me refaço de novas experiências, cada qual, com a sua envergadura, ternura, tessitura, contraste e saudade. Foi muito bom acompanhar, observar e vivenciar com a juventude dos alunos, a minha saudosa, teimosa e latente joia jovial, pois ela brilha toda vez, quando, dou-me o direito de me esbaldar nas águas, nos ares e no chão do eterno Rio de Janeiro.

1. Allanys D. Z. Ramos.

Já posso começar dizendo que não gosto de viagens de ônibus.

Não é para soar como uma defesa, ou como um aviso prévio diante tudo que irei contar nesse relato. Não, eu realmente não gosto. E minha opinião não muda. É, já deu para ver, não é um relato muito feliz. Porém, não é triste ou raivoso por completo.

Tudo começa numa manhã de quinta-feira. Aí já está o erro: manhã. Claro que numa manhã quase ninguém acorda feliz ou disposto; eu sou um exemplo perfeito disso. Acordei cedo já com o pensamento de que seriam as horas mais cansativas da minha vida. E não estava errada.

Sentei justamente no pior lugar do ônibus, toda inocente, achando que o fundo do ônibus seria o lugar mais propício para um melhor descanso e melhor acômodo: terrível engano. Gritaria, ar-condicionado mais gelado que o Polo Sul e a porta do banheiro se abrindo a cada 10 segundos. Inevitável. Foram as piores 21 horas da minha vida. Não suportava mais ficar dentro daquele ambiente e aqueles alunos gritando como se estivessem na casa deles só pioravam tudo.

Tudo bem. Acho que já me prolonguei demais na “revolta”. Vamos falar das partes boas. Foram poucas, mas eu posso explicar: cidades quentes não são meu forte. Não gosto de sol, praia, passeio a pé, nem nada relacionado a tropicalismo. Eu ter ido foi por pura curiosidade em conhecer a cidade. Posso dizer que me arrependo e listar os motivos, porém, esse não é nosso foco. O Museu do Amanhã foi um grande ponto forte nessa viagem, apesar de eu ter outro contra: não aprecio coisas futurísticas num museu. Gosto de história, de antiguidade, de obras artísticas. Não era isso que tinha lá, muito pelo contrário, eram “obras” tecnológicas. Imagens e vídeos. Nada além. Mas apesar de ser o que não gosto, atraiu minha atenção e achei incrível da mesma forma. De fato, o que mais atraiu minha atenção lá foram os panos voadores. A obra era pura física? Sim. Mas era arte, de qualquer forma. Eu, apesar de ser uma grande apreciadora da arte clássica, tive um pequeno fascínio pela moderna.

Depois, teve a ida à praia. Ah, essa praia. Só me trouxe dor de cabeça. Só não trouxe mais que a viagem de ônibus. O resumo desse passeio foi: queimadura, capote de onda e areia dentro do biquini. Já me defendi anteriormente e acho que meu posicionamento em relação ao passeio da praia ficou claro nesse curto parágrafo. O passeio ao calçadão diz a mesma coisa, porém, por um lado, achei melhor. Além de eu estar bem coberta (roupa de frio no sol. Sofri, mas não me queimei!), fiquei com um bom grupo. Eu tinha afinidade com todas as meninas ali presentes e a professora era extremamente generosa e dócil, o que tornou aquele passeio cansativo bem mais agradável.

Não tenho apenas coisas ruins a dizer dessa viagem, afinal. Fiz boas “amizades”, para compensar a falta de minhas duas únicas amigas no terceiro ano, tivemos bons passeios, passei por alguns perrengues por falta de dinheiro, mas o diretor e a

professora foram novamente gentis e solidários e ajudaram financeiramente aqueles que não tinham condições, inclusive eu, no fim da viagem.

Comemorei muito a volta. Por dentro, apenas. Ok, o Rio é uma cidade bonita e boa de visitar, e sei que não fizemos ou aproveitamos quase nada do Rio de verdade, porém, não é para mim! Tanto viagens em grupo quanto cidades tropicais. Gosto do conforto de umas cobertas e um chocolate quente num clima frio de Gramado. Todavia, nada tira a grandeza dessa cidade que, além de enorme, é linda e encantadora. A volta foi muito mais tranquila, os alunos gritaram menos, fizeram menos bagunça, e eu troquei o bendito assento. Consegui dormir muito mais tranquila, porém essa viagem me deu um presente enorme de despedida: uma infecção de garganta insuportável, resfriado, febre e dores musculares. Foi o suficiente para eu decidir comigo mesma nunca mais me atrever a viajar por mais de 6 horas em um ônibus. É demais. Passou de 6 horas já passo extremamente mal e começa o enjoo.

Apesar de tudo, muito obrigada pela experiência! Não foi minha favorita, mas foi definitivamente memorável.

§§§§

1. Amanda Lima Duarte

Antes de ir para o Rio de Janeiro pensei em como a viagem seria, imaginei também como o Rio poderia ser, mas chegando lá me surpreendi completamente tanto com a viagem como com a cidade. Superou tudo que eu achava que seria.

O Rio é uma cidade maravilhosa, fiquei encantada com a quantidade de pedras entre os prédios e casas, a quantidade de árvores, sem contar com a beleza das praias, ainda que tenhamos ido a apenas uma, deu para perceber tamanha beleza que essa cidade tem, uma vista mais linda que a outra.

A visita ao Museu do Amanhã foi maravilhosa, gostei muito das obras expostas, são obras que chamam atenção e fazem querer saber o porquê dela. Achei todas muito interessantes, mas as artes com vídeos para mim foram as melhores, eu entendi muito bem o que cada uma representava e achei essa ideia incrível.

O passeio em Copacabana foi muito bom, a praia é linda. Mesmo que tenhamos andado só pelo calçadão, pude ver como é bonita. É muito grande, sem contar com a quantidade de coisas para comprar, uma lembrancinha mais linda que a outra.

A viagem me fez conhecer e ter intimidade com muitas pessoas que eu não conhecia, principalmente com um pessoal do 3º ano B. Acho que ajudou muito na união das salas. Nem tem o que reclamar dessa viagem. Foi tudo muito perfeito e infelizmente o que resta agora é saudade.

2. Amanda Prado

Era tarde, malas prontas para serem desfeitas, quando:

– Estamos limpando, vocês terão que esperar!

Ouvia-se o barulho de colchões, bolsas e mochilas se desvencilhando das mãos, quando atirados ao chão com um peso como que de liberdade. Inveja sentiam seus donos. Como fora exaustiva a jornada de Goiânia rumo ao Rio de Janeiro, mas também, pudera! Uma balada incansável fora iniciada no ônibus logo nos primeiros minutos de viagem e se estendeu pelas 20 horas do caminho! Poucos foram os momentos de pausa, como não se cansar?

No caminho até o Rio, muitas histórias deixadas nas poltronas confortáveis daquele incrível veículo executivo.

Sexta-feira, 02 horas da manhã: o sono não aparecia e foi então que me veio à mente uma ideia:

– Meninos... me contem uma história para dormir?

– Hum, vamos lá... era uma vez...

E assim começava uma das melhores histórias de todos os tempos! Um ataque zumbi, vida, morte, amigos, aliados, estratégias para sobreviver. E os personagens? Nós mesmos, com um toque especial, super habilidades!

O sono, nesse pique-esconde acabei encontrando-me com ele sem sequer perceber.

Desembarquei em um sonho, aquela cidade cheia de morros e doces sotaques... que cidade! Ao pôr os pés no chão, logo percebi que essa seria a primeira de muitas das minhas futuras viagens por este país a fora.

Conhecendo os arredores do museu do amanhã, impossível não perceber que artistas não faltaram no Rio de Janeiro, estavam por toda parte, entretanto, particularmente... os saxofonistas captaram minha atenção de uma forma bastante especial, o primeiro que vi, um artista de rua, de um talento tão excepcional, fazendo brilhar e ressoar como mágica o som daquele imponente instrumento... “olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela menina que vem e que passa...”

Continuava a música ainda que tivéssemos nos afastado há algum tempo do seu apaixonado reproduzidor.

Uma praça, próxima à estação onde compramos, eu e meus amigos, nossa passagem para cruzar o mar em direção a Niterói. Que praça era aquela? Que arquitetura encantadora... formas geométricas em toda a sua composição, muitas cores e tudo o que não é comum encontrar em uma praça!

Atravessando naquele “barco imenso” era possível compreender por que a fama do Rio de Janeiro, apesar dos tristes contrastes sociais em uma cidade tão rica. A sensação? Não dava para evitar... a vontade de permanecer ali para sempre ia se tornando cada dia mais uma prece silenciosa ao acaso.

Todas as histórias, difícil descrever, foram tantas, mas tantas, os lugares as experiências. A despedida... tudo tão incrivelmente novo para uma viajante de poucas e tão curtas jornadas!

§§§

3. Ana Júlia Arantes Viana

A ansiedade já não me permitia dormir há semanas. Fiz contagem regressiva em todas as minhas redes sociais, para que todos soubessem o quão empolgada eu estava e fiz questão de compartilhar com todos os meus amigos cada detalhe que, cuidadosamente, planejei para esta viagem... A viagem pela qual esperei calorosamente desde o começo do ano.

Duas semanas, uma semana, 3, 2, 1 dia e quando me dei conta já estava dentro do ônibus, às oito horas da manhã do dia 14 de setembro de 2017, ouvindo pacientemente a voz “doce e suave” do nosso diretor enquanto nos instruía sobre a viagem.

Sinceramente, no fundo, no fundo, acho que o que mais esperei desta viagem foi poder passar tanto tempo dentro de um ônibus com meus colegas, poder participar das brincadeiras, cantar todas as músicas, dançar e rir a noite toda com aqueles com quem passo a maior parte de todos os meus dias e que considero tanto (às vezes até mais) quanto minha própria família.

As horas no ônibus, por mais cansativas que tenham sido, foram incríveis. Exatamente como eu imaginei que fossem. Entretanto, o preço das coisas na estrada me assustou um pouco. Digamos, apenas, que eu nunca imaginei que pagaria oito reais em um simples picolé, mas ou era isso ou ceder à uma possível morte iminente causada pelo calor.

Planejávamos ter ficado acordados a noite toda, mas acho que já estamos ficando um pouco velhos para isso, e quando nos demos conta, ainda um pouco sonolentos, estávamos acordando, pouco antes das seis da manhã do dia 15, já no nosso tão aguardado destino: Rio de Janeiro.

Era tudo incrivelmente lindo. O dia estava espetacular e, ao contrário do que meus pais acreditavam, não fui atingida por nenhuma bala perdida assim que coloquei os pés para fora do ônibus, mas antes tivesse sido...

Parecia cena de filme, ou talvez só de um noticiário sensacionalista qualquer, à minha esquerda havia um lugar lindo, um bairro nobre do qual não me recordo o nome, mas bastava girar 180° à direita que essa cena se desfazia ao ver de longe uma favela e, não tão longe quanto imaginei que pudesse ser, a poluição descabida da Baía de Guanabara... Confesso que fiquei, por alguns instantes, estarecida com o contraste que podia observar em um espaço relativamente pequeno, que, em poucos instantes, me trouxe à tona um pouco da realidade do Rio, realidade que eu não conhecia e que, sinceramente, ainda tinha expectativas de não precisar conhecer logo na primeira vez que visitasse o lugar. Mas, apesar dos pesares, o Rio de Janeiro continuava lindo!

Meus colegas e eu, agora já um pouco mais despertos, tivemos tempo de tirar algumas fotos onde o ônibus havia parado, à distância já podíamos ver o Museu do Amanhã, o qual visitaríamos logo após o almoço e eu já mal podia controlar minha ansiedade, deixando transparecer livremente o quão feliz estava por estar pela primeira vez fora do meu estado e com todos os meus amigos... Pode parecer clichê para alguns e talvez soe como bobagem para outros, mas para mim? Estar ali era quase como um sonho.

Sem maiores demoras, fomos para a escola onde ficaríamos durante nossa estadia pelo Rio e, sinceramente, fiquei decepcionada com o que vi. Principalmente o Diretor, há alguns dias atrás, tinha feito uma propaganda maravilhosa do lugar, e ao chegar podemos dizer que talvez, só talvez, minhas expectativas tenham sido um pouco, para não dizer muito, contrariadas. Mas tudo bem... Passaríamos pouco tempo ali mesmo e pelo menos poderíamos tomar banho e... O QUÊ? Um chuveiro só para as meninas e um para os meninos? Só pode ser brincadeira... Tudo bem, tudo bem, o que eu estava esperando, afinal? Um hotel cinco estrelas? Claro que não. Usei todas as minhas forças para não focar tanto nos cabelos imundos do ralo do banheiro e focar em tudo de positivo que a viagem ainda poderia me ofertar. Pensamento positivo... "Eww".

O almoço foi simples, só engoli a comida mesmo, já mal podia esperar para conhecer o Museu do Amanhã... Confesso que não sabia absolutamente nada sobre o lugar antes de conhecê-lo e quando conheci: WOW! Que lugar fantástico.

Tenho que admitir que, mesmo esperando muito do Museu do Amanhã, nunca esperei tanto assim. Todas as minhas expectativas foram superadas e fiquei completamente perplexa com o ar de genialidade que percorria todo aquele lugar.

Tendo ido já algumas vezes a outros museus por aí, até então tinha em meu pensamento que alguém que faz visitas a lugares assim está à procura de respostas quaisquer por meio do que se possa encontrar na história, no que já se passou, que entrasse com perguntas e saísse com as respostas – simples assim – sem jamais imaginar que algum dia fosse entrar em um museu e sair de lá ainda com mais questões a fazer do que quando entrei, e foi exatamente o que aconteceu.

Cada obra, instalação, pintura, objeto, entre outras coisas naquele lugar transmitia toda sua, além de beleza, complexidade e peculiaridade que, particularmente, me deixaram incrédula com tamanha, mais uma vez, genialidade por trás de cada uma delas. Ali, naquele lugar, nunca pensei que pudesse me sentir tão cheia, mas ao mesmo tempo tão vazia... Não sei se algum dia poderia explicar a combustão de sentimentos e de pensamentos que acontecia dentro de mim, mas acho que posso tentar...

Cada obra naquele lugar me parecia uma grande interrogação, se é que me entende... Como se tivessem sido colocadas ali justamente para nos fazer questionar que tipo de amanhã queremos para nós e para toda humanidade, só aí parei para refletir sobre o nome do museu... Realmente, bem autoexplicativo.

De tudo, o que mais me chamou a atenção foi como as coisas que aconteciam ali dentro também me pareciam acontecer fora dali simultaneamente, como se tudo que as obras nos permitiam refletir entre aquelas paredes estivesse simplesmente acontecendo bem nas nossas frentes, do lado de fora, o tempo todo, mas jamais havíamos parados para notar. Como se o “amanhã” já tivesse chegado há muito tempo e continuasse chegando dia após dia, mas nunca paramos por um instante sequer para nos dar conta, porque passamos tempo demais focados simplesmente no “ontem” ou no “hoje”... Não sei se consigo me fazer entender, mas tenha certeza, na minha cabeça isso fez/faz muito sentido.

Poderia descrever detalhadamente cada momento que se passou depois que saímos do museu e nos arrumamos para ir jantar, mas acredito que são detalhes que realmente não importam a mais ninguém se não a mim. Creio que não é interessante para nenhum (ou quase nenhum) leitor saber o quão bem me sentia, mesmo estando terrivelmente cansada, por estar passando aquele tempo longe do caos que é minha casa e longe de toda a confusão rotineira dos meus dias, então vou guardar estas partes da história e pular para o que realmente interessa: praia.

Nunca havia ido à praia antes, nem sequer visto de longe e, quando vi, tive certeza de que era a coisa mais linda que eu já havia visto em toda minha vida. Ninguém jamais poderia imaginar o quanto havia esperado por aquele momento, o quanto era (e ainda é) indescritível para mim a sensação de sentir a areia entre meus

dedos, o sol em minha pele e ouvir, entre tantas vozes de banhistas e vendedores ambulantes, o som calmo do vai e vem das ondas enquanto me permitia respirar o mais fundo possível o ar daquele lugar que me trouxe uma paz inimaginável. Apesar de todo meu pavor por água, acabei me permitindo, por alguns instantes, molhar meus pés na água e me divertir um pouco no mar com meus colegas. Foi o dia mais incrível da minha vida.

Não há muito mais que eu possa contar, afinal, ainda não aprendi a descrever sentimentos tão bem quanto sei senti-los e não faria sentido contar todos eles assim, despejados em uma página qualquer, fazendo com que percam toda sua magia de indescritíveis. Por isso me permito finalizar assim, com alguns pensamentos ainda soltos, enquanto tento achar palavras que se encaixem no contexto para melhor relatar estes dias que já passaram e que com eles passaram também tantos planos de uma viagem que não pude fazer, mas que, por mais triste que possa parecer, a inventei da melhor forma possível, na intenção de suprir a mágoa de não ter participado de algo que esperei por tanto tempo, mas talvez conseguindo convencer algum leitor ingênuo de que eu realmente sabia sobre o que eu estava falando todo esse tempo quando contei sobre o ônibus, o museu ou a praia... Lamento poder dizer só agora, nas últimas linhas, mas eu não faço ideia.

§§§

4. Dayana Vinhandeli

No dia 14, apesar de não ter aula, acordamos bem cedo, pois tínhamos que estar às 8h na porta da escola para a nossa viagem ao Rio de Janeiro. Confesso que estava muito ansiosa, seria minha primeira viagem com amigos para outro estado. Saímos às 8:10, todos já tinham deixado o sono e estávamos muito animados, sabíamos que seria incrível, fomos no ônibus cantando, conversando, brincando, quando já era noite, boa parte já estava cansada, alguns dormiram, outros não, eu só consegui dormir já era de madrugada e, quando acordei, já estávamos quase chegando, eram quase 9h quando chegamos e a viagem foi ficando melhor ainda.

Quando chegamos ao Rio, havia uma programação para cada dia: na sexta fomos para o Museu do Amanhã, era lindo, nada comparado com o que estamos acostumados a ver, era diferente. No sábado, o programa era ir para praia, e que ótima ideia porque estava muito calor. Para quem nunca tinha ido, foi uma ótima experiência que a escola nos proporcionou, a areia, o mar, as companhias, tudo era maravilhoso.

No domingo fomos dar uma volta conhecer outras partes do Rio, antes de ir embora, já que a viagem acabaria naquele dia e que mais tarde tínhamos que ir

embora. Ficamos sabendo de uma guerra do tráfico que estava acontecendo lá, mas não passamos nem perto, conhecemos outra praia, fomos ao calçadão de Copacabana e assim acabou a viagem.

Vimos embora às 16h, todos gostaram muito da viagem, entramos no ônibus querendo ficar mais, pois estava muito bom, não queríamos voltar à realidade de Goiânia com calor sem praia, as aulas normais dentro de sala. A volta foi um pouco diferente, muitos alunos estavam cansados, ou tristes por vir embora, mas alguns ainda estavam com a mesma energia do primeiro dia de viagem. O importante foi que todos gostaram e voltaram dessa viagem pensando de uma forma diferente em relação a tudo.

§§§

5. Deborah Queiroz

A viagem ao Rio de Janeiro feita pela turma dos terceiros anos do ano letivo de 2017 foi muito educativa, tanto para o conhecimento pessoal quanto para o acadêmico.

Nós, alunos, tivemos a oportunidade de conhecer mais a própria turma e os professores que também participaram dessa viagem, mostrando uma relação diferente daquela formal conduta que temos de seguir dentro do ambiente escolar.

Foi uma aventura, mas não daquelas bobas que você vai em um brinquedo radical, sua adrenalina sobe e você se considera um aventureiro, mas sim daquela que marca, faz pensar sobre as coisas a sua volta e sobre si mesmo. Esse tipo de aventura é difícil de ser vivida, mas quando bem trabalhada fornece uma experiência incrível.

Viajar não é algo normal? Sim e não, as emoções de cada viagem e para cada um são muito diferentes. Eu, por exemplo, já conhecia o mar, mas para quem não conhecia aquela imensidão azul foi algo muito mais marcante do que para mim.

Diferentemente de Goiânia, mas não muito longe desse conceito, o Rio é uma cidade ao mesmo tempo muito bela e cruel, onde os contrastes da desigualdade estão mais evidentes do que o que estamos acostumados a ver todos os dias.

A tranquilidade pode estar nessa calçada e ao atravessar a rua uma bala perdida encontrá-la. Eu senti uma mistura real de medo, felicidade, receio de sair da minha zona de conforto, sede de conhecer o novo e tudo isso de uma vez só.

O Museu do Amanhã, uma de nossas visitas e a mais amada por mim, é algo fantástico. Pensar na beleza daquele lugar, o trabalho tão diferente exposto por lá, saí questionando várias coisas, até mesmo o nome do local.

Afinal, museu é um lugar onde muitos acreditam que seja somente de coisas do passado, mas e quando o museu se trata do futuro? Ou mais ainda, quando ele trata do passado e do futuro ao mesmo tempo que nos faz criar nosso presente a cada minuto? Uma experiência única e pessoal que recomendo a qualquer pessoa.

As praias são de uma beleza estupenda, me trazem a sensação de liberdade, leveza, um poder forte e bonito que a natureza tem. Ver aquela imensidão de água nos faz ver o quão pequenos somos, mas o quanto fazemos para conseguir alcançar todos os ambientes do planeta.

Espero que projetos assim possam ser mais trabalhados, principalmente em escolas de grande carência de qualidade educacional, os alunos do CEPAE, excetuando alguns, não são de famílias de extrema pobreza. Fico pensando se para nós que temos mais oportunidades já é tão gratificante ter oportunidades assim, como seria para crianças/adolescentes que talvez nunca tenham visitado algum evento cultural nem mesmo na cidade de Goiânia.

Foi uma ótima viagem!

§§§

6. Edvar de Matos Goulart Filho

Viagem ou negócios?

14 de setembro de 2017, está quente, chegando a uma temperatura de 23°C às 5 horas da manhã. Por que estou acordado a esta hora? Bem, o motivo é simples, chegou o momento mais esperados por todos nós – todos nós? – Sim, a viagem para a cidade do Rio de Janeiro, que nessa época acontece com o 3º ano do Ensino Médio, mas... deixe-me arrumar as malas pois está quase na hora.

No caminho para à escola acontece um acidente que nos prende no trânsito. Será este um sinal para não ir, devido a alguns fatores que ocorrem, como a violência na cidade carioca? Não, a violência está em todo lugar e não tem rosto aquele que a pratica.

Cheguei, já me deparo com uma lista de chamada, “afffs”, isso vai atrapalhar o esquema.

- Bom dia, seu nome?
- Bom dia, “Edgar”. (E ele anota essa informação junto com o total de 60 alunos).

Está indo tudo dentro do planejado, porém temos uma pessoa desconhecida que entrou no ônibus, pois estava precisando de uma carona, e a direção da escola resolveu ajudá-la.

Seguindo em viagem, foi algo tenso, mas ao mesmo tempo tranquilo, pois estava indo tudo calmo, como planejado. Ao desembarcar no Rio, a turma volta a ter 60 alunos. Provavelmente uma pessoa tinha uma entrega a fazer no morro, o mais rápido possível.

A turma do 3º ano visitou o Museu do Amanhã, que proporcionou novas ideias e estimulou criatividade, eles permaneceram o dia todo em excursões. No final da tarde se dirigiram ao colégio onde iriam passar a noite.

Após uma noite completa, corre, pula e sobe, esse era o caminho para a entrega do material no morro vizinho, chegando lá:

- Coé menó, firmeza? Tá com o pó?
- Tranquilo, fecha com 3 mil temers.
- Beleza, pega e vaza.

No caminho, não era de se esperar, já desceram os comandantes nos blindados - pronto, agora fu#\$@!

Descendo o morro, começa o tiroteio. Meu o objetivo era alcançar a turma na Lagoa, então continuei a descida e quando junto com a turma tivemos que deixar a cidade o mais rápido possível, estava difícil continuar lá.

Feliz estava eu por tudo ir bem, quando a polícia parou o ônibus. Mas procuraram por "Edvar", como não havia esse nome na lista, eles liberaram e foram atrás do jovem desconhecido que estava no ônibus, que fim será que ele levou?

Já em Goiânia, com o dinheiro depositado, estou aqui fazendo esse relato, mas, por trás de uma grade. Alguém me denunciou.

(O crime não apresenta rosto, mas apresenta desgosto!)

§§§

7. Felipe Oliveira

Quem é de Goiânia pode ter algum receio ou talvez um pouco de medo de visitar o Rio de Janeiro por conta das inúmeras notícias da Violência Urbana que assistimos nos noticiários ao longo dos últimos dias e, por conta de informações ultra sensacionalistas e sem nenhuma profundidade, acaba que muitas pessoas criam uma

imagem muito negativa do Rio de Janeiro, chegando a acreditar que o Rio é um local muito inseguro, violento e com o crime totalmente descontrolado o tempo todo, mesmo nos principais pontos turísticos.

Mas não é bem assim... Chegando lá pude perceber que o Rio é muito arborizado, bonito, o seu clima é muito bom e suas águas são gostosas; que os pontos turísticos são muito interessantes e há opções de lazer para todos os tipos de pessoas.

Em apenas 3 dias não é possível conhecer tudo que o Rio nos oferece e quem foi à viagem que a escola proporcionou aos alunos do 3º ano do Ensino Médio voltou com aquele gostinho de querer voltar lá outra vez.

Além de ser uma completa mistura de povos, pois avistamos por lá turistas de diversas regiões do mundo como americanos, alemães, latinos etc. Outro ponto positivo do Rio são os meios de transporte. Aqui em Goiânia, os meios de transporte são caóticos. Eu me surpreendi com a facilidade de usar os meios de transporte no Rio. Muitos ônibus, metrô muito organizados, VLT, Uber e muitos táxis.

Com essa viagem pude perceber que o Rio é muito lindo e não é o que vemos nos jornais de que tudo é violência. A escola ter proporcionado essa viagem foi bastante interessante, pois além de ser um passeio, teve fins didáticos e possibilitou ver a cidade com um olhar diferente.

§§§

8. Fillipe Silveira

Desde o primeiro dia de aula do 3º ano do ensino médio eu já pensava e esperava esta viagem chegar, para saber como era viajar com a turma, me divertir e aproveitar todos os momentos, mas foram poucas pessoas da minha sala que se dispuseram a ir ao RJ, conhecer o Museu do Amanhã. Tenho pena dos meus colegas que perderam esta oportunidade, mas cada um sabe o que faz!

Quando saí de casa na quinta feira, peguei minhas malas e colchão, fiz minha oração, despedi da minha família e fui para escola. Quando entramos no ônibus, cada um sentou em seu devido lugar e pegamos estrada com o destino ao RJ. Na estrada, foi um tempo em que fizemos diversas coisas sentados e em pé, andando pelo ônibus, a cada parada o coração apertava, pois sabia que estava chegando, viramos a noite toda dentro do ônibus, dormindo na mesma posição. Quando acordei, o meu pescoço parecia que estava quebrado. Só que acordei e a gente já estava no RJ, com o maior trânsito e muitas buzinas!

Chegando lá, na sexta feira, tomamos banho na Escola de Educação Física da UFRJ e fomos com destino ao Museu do Amanhã. Quando cheguei no Museu, eu percebi que não era um lugar onde teria objetos ou mostras do passado. Na visita, tive esta surpresa, pois lá vi obras que me fizeram pensar e refletir sozinho sobre o nosso Futuro e do nosso planeta que tem 4,5 bilhões de anos e passou por diversas fases. Refleti sobre nós, seres humanos, que estamos aqui há menos de 200 mil anos, mas devastamos bastante o planeta Terra por causa do consumismo que está acabando com nossos recursos naturais. Recursos de que dependemos para a sobrevivência dos Seres Vivos e por esta causa devemos tomar atitudes sustentáveis para ajudar a salvar nossas futuras gerações. Também nos apresentaram inúmeras mostras sobre a natureza e a diferença que há entre os indivíduos que são 99,9% iguais e os 0,01% diferente porque se constituem pelas culturas, crenças, religiões, famílias, trabalhos, grupos, lugares, casas etc.

O Museu foi um passeio em que eu consegui obter mais conhecimento e ampliar minhas perspectivas sobre a realidade em que vivo, para fazer e deixar o Bem por onde passar. Lá consegui pensar, interagir e sentir como no Amanhã tudo pode mudar, só depende das nossas atitudes que vão ter consequências! Mas a esperança se resume em uma palavra: UBUNTU – “Eu sou porque nós Somos”, pois todos nós precisamos do próximo, porque todos nós formamos Um Só!

Depois da visita ao museu, fomos organizar nosso acampamento dentro da escola CAP, onde fomos recebidos por professores e alunos que nos ensinaram uma dança de acolhimento. Depois tomamos banho na água fria e mais tarde fomos jantar. Comi uma picanha na chapa, muito saborosa e logo depois voltamos para o colégio para “dormir”.

Já no sábado, lanchamos e fomos para a Praia do Diabo, ao lado de Ipanema, onde passamos o dia, todos tranquilos e aproveitando cada segundo da visita ao mar. O sol quente queimando nossas costas, também as nossas roupas e mochilas ficaram cheias de areia, mas tudo ocorreu bem, sem nenhum afogamento. Subimos a pedreira e tiramos diversas fotos de momentos incríveis! Depois de ficarmos na praia o dia todo, voltamos para a escola, só que desta vez tivemos que percorrer um caminho maior para não ficar perto da área do tiroteio entre as facções criminosas do tráfico de drogas do Morro da Rocinha. Mas chegamos bem, jantamos e voltamos para o Cap, para cochilar, acordar às 4:30 da manhã e desocupar a escola para um concurso que lá se realizaria.

Já no domingo acordamos cedo, organizamos nossas coisas e fomos direto para o estacionamento de uma paróquia, colocar nossas bagagens e ir lanchar numa feirinha na rua de trás do colégio, onde o pessoal comeu pastel e tapioca. Depois do café da manhã, fomos dar um passeio no calçadão de Copacabana para conhecer e comprar lembrancinhas, almoçar e nos despedir, assistindo uma manifestação sobre a cultura Afro-brasileira no Rio de Janeiro. Logo depois, entramos no ônibus e não vi mais nada, saindo da cidade, dormi de tão cansado.

Nesta viagem pela cidade “Maravilhosa”, aprendi muitas coisas, abri os olhos para a realidade, pois vi o tamanho da desigualdade em que estamos vivendo. Essa viagem me fez ver fora das bolhas sociais, pois o centro e pontos de turismo do RJ são como “A Caverna”: só trazem visões boas entre praias, prédios, lojas, hotéis, pessoas bonitas, consumismo que abusa de todos... Mas depois que você passa os prédios de luxo, do outro lado estão presentes as comunidades (favelas) que movem toda cidade. Isso que me deixou triste, ver a situação de milhões de pessoas excluídas. Mas tenho Fé que a política em nosso país irá mudar para melhorar, com a ajuda de cada Um de Nós.

Todo o cansaço valeu a pena, valeu cada segundo em que estive com o pessoal da turma. Realmente conheci mais das pessoas com que estou convivendo há 2 anos da minha vida. O conhecimento que obtive nessa viagem valeu mais do que as fotos que tirei, pois, as memórias de lá vou levar para toda minha vida! Quero sorrir todas as vezes que lembrar desta viagem! Foi a viagem em que senti e conheci outros espaços de fora da minha realidade e que me fez mudar por dentro!

§§§

9. Flávia Alessandra

Um amanhecer diferente, mas a verdade é que nunca paramos para ver o sol nascer ou se por.

Foi uma longa viagem cansativa, depois de 20 horas mais ou menos dentro de um ônibus, com algumas paradas, é claro, mas a maior parte do tempo em um mesmo ambiente, lidando com pessoas as quais tinham jeitos diferentes (de alegria ou passa tempo) que foi legal no início, depois... Cansou. Isso eu entendo, são só visões ruins sobre uma viagem dentro de um ônibus, assim como houve coisas boas, como dividir a comida ou tentar arranjar remédio para quem estivesse sentindo algo.

Era um apoio de gente que talvez nunca tivesse dirigido um assunto ou palavra ou ao menos se soubesse o nome, mesmo estudando no mesmo lugar e isso, quem sabe, nos aproximou mais. Só não me pergunte se viajarei por tantas horas dentro de um ônibus novamente, tenho um problema que me irrita, consigo dormir em qualquer lugar até em um chão duro sem nada, exceto na cadeira de um ônibus. Não sei se é pela posição ou pelo movimento, eu não entendo, o problema é lidar com as consequências depois.

Enfim, voltando ao amanhecer. Desde a nossa partida de Goiânia, vimos um padrão: mato, mato, um carro ou dois, mato, posto, mato... e ainda era o mesmo tipo de mato, era só cerrado, quando chegou a ser outra coisa não deu para ver porque

estava de noite. Quando chegamos ao Rio de Janeiro, a primeira coisa que vimos foi o nascer do sol na cidade. Estava atrás de uma ponte, era bonito, aquele evento que não temos costume de ver pela vida que levamos que nos impede de olhar para a natureza de vez em quando. Deu vontade de desenhar o que via.

Ao chegar, começou a correria. Era banhar, comer esperar o ônibus e ir para algum lugar. Fomos para onde está o Museu do Amanhã, não para ir ao museu, mas para andar e tirar fotos desesperadamente, coisa de turista. As pernas não aguentando mais, foi decidido andarmos de barco. Ficamos encantados, olhando para a janela do barco enquanto os outros que eram da cidade estavam normais. Era lindo, principalmente para a gente que não tinha costume, mas se tivéssemos provavelmente aquilo perderia a beleza.

Fomos à praia no dia seguinte. Muitos nunca entraram no mar ou sequer o viram. Diante dessa raridade de sentir o mar, por mim tentaria fazer isso sempre se vivesse em uma cidade com mar. Entretanto, poderia me sucumbir ao cotidiano, de olhar tanto a ponto de enjoar e já não ver tanto encanto, ou talvez ele me ocuparia demais para essas coisas.

Tem outro ponto também. Vendo a cidade, quando entramos nela, há uma certa desorganização, prédios, casas e pontes muito juntas, parece que está tudo muito apertado. Outros lugares da cidade, como as praias que são mais turísticas, onde as pessoas saem para caminhar com seus labradores, dálmatas, poodle etc., as coisas são diferentes, diria que mais agradável de olhar e viver. Vi um policial com uma arma tão grande que deu medo e espanto. Penso que isso seja consequência desses mundos tão diferentes dentro de uma mesma cidade.

Voltando à viagem, depois de muito ver, regressamos. A rotina que tivemos ali foi exausta, um dia acordando mais cedo que o outro, todo muito foi tranquilo na volta, estava feliz porque estava voltando e não triste porque estava indo embora, mas agradecida pela viagem.

Aprendemos muita coisa, o museu mostrou o mundo como ele é e nossas ações sobre ele. Teve que mostrar, pois apesar de vivermos nesse lugar estamos fora dele, não o enxergamos, não damos atenção à natureza. Sabemos o mal que nossas ações, como a poluição, lixo, desmatamento, efeito estufa etc. podem acabar com o planeta, mas não fazemos nada.

§§§

10. Gabriel Alves Fernandes

O RIO

Randômicas despedidas preenchem esse último tchau que todos ofereceriam aos que estavam presentes. Testemunhei, de última hora, um modesto abraçar da

mãe de minha amiga. Antes que pudéssemos embarcar no ônibus, compusemos um Pai Nosso, manifestando credulidade às divindades que haviam de nos guiar por todo o trajeto ao Rio.

Não me contive em comprimir-me contra a janela, ao meu lado esquerdo, assim que entrei no automóvel. Antes das 9h, o sono ainda se comportava em mim. Nem o sol me atacando pelas frinchas da cortina impedia-me de repousar tão intensamente.

A algazarra ao fundo só permitiu uma ínfima calma, até que não deixasse mais o silêncio integrar o espaço do veículo. Franzindo o cenho e apertando meus olhos com minha mão, abri-os, a fim de entender a energia daqueles que cantavam e dançavam ao som do funk e do sertanejo.

F., que estava ao meu lado, só me respondeu com um leve sorriso quando arqueei as sobrancelhas, em um ato de interrogação. Pigarreei e pedi licença. Saltei sobre suas pernas, embrenhando-me entre o pessoal do fundão, que limitava a minha passagem. Fui em direção ao banheiro. Fitei-me no espelho. Ainda que embaçado, o vidro podia refletir a realidade que meu cabelo apresentava: estava bagunçado e não se alinhava ao que eu esperava. Aquietei-os e voltei ao assento que, agora, me exibia algumas singularidades de Goiás.

O ambiente bucólico da estrada goiana expunha seu caráter de secura da estação. Aquelas queimadas empoeiradas sustentavam meu descrédito pela humanidade: acatar com normalidade esse ato me equipararia à desonestidade com que me impressionei.

Ao amanhecer, a estadia no Rio passava a ser contabilizada. Transitávamos por entre os viadutos que ligavam os subúrbios cariocas ao centro da capital. O caminho era repleto de canais de esgoto – capazes de contrariar o status de “cidade maravilhosa” que o Rio detinha! Além disso, a quantidade considerável de transportes coletivos da cidade podia despertar a atenção de um goianiense: a escassez de ônibus na principal metrópole do centro-oeste desestabilizava a reputação de uma região acerca de sua situação pública.

Enquanto atravessávamos as comunidades marginalizadas daquele local, não faltavam piadinhas e comentários que maximizavam a fama pejorativa perpetrada pela crise político-social do Rio de Janeiro. As favelas compunham grande espaço das zonas limítrofes entre o território urbanizado e o desassistido. Meu feedback à cena das janelas era de tamanho repúdio com a inconstitucionalidade que o Brasil sempre projetou aos andares de baixo.

O estilo renascentista da Candelária declarava uma das altas qualidades monumentais da cidade.

Depois dali, a turma tomou liberdade para peregrinar por algumas localidades do Rio. Passamos por um centro da Marinha, por cariocas que

caminhavam e absorviam o ar carregado do Rio, pelas avenidas movimentadas de táxis e carros particulares e pela praça da chama olímpica, até que eu pude, pela primeira vez, vislumbrar a estrutura expoente e simbolizadora da capital. O Cristo Redentor exaltava altivez.

A fila expressa para ingressarmos no Museu do Amanhã estendeu-se por uns cinco minutos. Assim que entramos e fomos instruídos de como seria a trajetória e de como teríamos de nos comportar, seguimos o guia e, gradualmente, fomos apreendendo ideias, explorações e perguntas sobre as mudanças no mundo em que residimos.

O amanhã é hoje. O dia posterior ao que nos encontramos será o resultado de onde viemos, de quem somos, de onde estamos, para onde vamos, o que fazemos e como queremos ir adiante. Estamos acostumados a repetir o que fazemos, a repelir o que não admiramos. Intervimos no processo e os manejamos. Com isso, moldamos nosso futuro. A matéria, a vida e o conhecimento. A articulação desses três elementos constrói nossos valores. Mudando meus hábitos e repassando-os aos demais é que poderei transformar a nossa realidade. Gratifico a mensagem que pude capturar ao longo do passeio pelo Museu.

Cerca de nove horas depois da temporada de sabedoria, explorei a belezamor do Rio: a praia. Enquanto uns aproveitavam demasiadamente o mar pela primeira vez, eu fazia um tour panorâmico pela vista da Praia do Diabo. Os ataques das ondas e as atuações da forte maré ameaçavam meus colegas; uns caíam sobre a areia molhada e outros agarravam-se nas pessoas mais próximas, para que não caíssem.

A janta, à noite, abasteceu-me e eu reestabeleci minha energia para o retorno a Goiânia no dia seguinte. A longa noite também permitiu que eu me compusesse novamente. Na manhã do outro dia, o percurso pelo calçadão de Copacabana finalizou nosso passeio pela cidade carioca.

Naquela volta, a viagem foi mais tranquila, sem a balbúrdia e a cantoria incessante da ida.

§§§

11. Hugo Henrique Santana Lopes

Uma viagem sempre é algo inesquecível e marcante para a vida toda. Como não se entusiasmar com uma viagem com todos os companheiros diários de “aprendizagem”, que por necessidade demonstraram ser “parças” para qualquer hora, e principalmente para uma viagem. O destino de uma viagem, na minha humilde opinião, é a parte mais importante, o local deve ser muito bem escolhido já que essa oportunidade é imperdível ou até mesmo inimaginável, dadas as

circunstâncias da escola. Destinos infelizmente inviáveis como Europa e Disney circularam nas cabeças de nós, estudantes.

Mas dentro do Brasil, um pouco longe da belíssima cidade de Goiânia, se encontra ao meu ver a mais bela cidade do mundo, lar do mais belo time do mundo que humildemente se denomina Clube de Regatas do Flamengo, só que inocentes acham que o caminho é fácil.

Erro de iniciante, porém ao menos para mim valeu a pena passar por outros estados para chegar àquele local. Três estados passaram pela janela do ônibus e pude chegar à conclusão do quanto residimos longe do mar. E mal sabia o inocente aqui que ainda nos restavam no mínimo 4 horas dentro daquele ônibus que, por sinal, era bastante confortável.

Ali estavam as cidades do famoso estado de Minas Gerais que, pelos meus cálculos, apenas pelos municípios que passamos, se equiparam ao estado de Goiás. Sinceramente, havia municípios com distâncias entre si menores que do centro de Goiânia à minha casa.

Então, chegamos ao famoso estado que carrega o país em suas costas, o estado mais rico e com as melhores universidades do Brasil. Primeiramente não houve uma súbita mudança na paisagem. No começo me parecia tudo igual, porém enquanto passávamos pelos municípios, ao meu ver, eles se mostravam um pouco mais desenvolvidos. E lá se foi São Paulo.

Logo que que passamos a fronteira interestadual, algo ocorreu em mim, mas eu só viria a sentir isso mais forte quando, após a famosa Serra do Mar ficar para trás, pude me encantar mais uma vez e tentar compreender como aquela vista poderia resumir aquela cidade em uma unidade, uma cidade que enfrenta problemas sociais, econômicos e principalmente de segurança pública, para nós, goianos, de dimensões inimagináveis.

Prometi a mim mesmo que não deixaria me levar pelo sentimento de rever a famosa cidade maravilhosa que tem como adornos o famoso Calçadão de Copacabana, a Praia de Ipanema e, como se esquecer dele que abraça a todos, sejam turistas ou habitantes, o Cristo Redentor. E essa cidade de beleza imensurável guarda o meu maior sonho: assistir a um jogo do Flamengo no esplêndido palco do futebol brasileiro, o Estádio Jornalista Mário Filho ou, para os mais íntimos, Maracanã. Mas como tudo que é bom dura pouco, faço das minhas as palavras as de Gilberto Gil: “O Rio de Janeiro continua lindo/ O Rio de Janeiro continua sendo... /Alô, Rio de Janeiro, aquele braço”.

§§§

12. Isabella Machado

No dia 16 de setembro de 2017, em minha escola, deu-se início a uma viagem para o Rio de Janeiro com foram todos os alunos do 3º ano do ensino médio. No princípio eu não estava querendo ir por muito motivos, um deles é pelo fato de que estou grávida e estava com medo de passar mal na viagem. Mas procurei minha médica para saber se poderia ir sem nenhuma preocupação e cabeei tendo a confirmação dela de que seria seguro. Então decidir ir.

No dia 16, que era uma quinta-feira, eu já havia arrumado uma mala com as minhas coisas, não era uma mala muito grande até porque não queria levar muita coisa, levei apenas uns cinco shorts, umas seis blusas incluindo a de frio, toalha de banho, roupas íntimas, é claro, e alguns produtos de higiene pessoal como sabonete, escova de dentes, shampoo, condicionador, pasta dental entre outras coisas.

Fomos em um ônibus que a universidade cedeu para que pudéssemos viajar, fomos todos neste único ônibus, a viagem durou praticamente 24 horas, mas apesar disso nem vi o tempo passar, porque íamos fazendo brincadeiras para distrair, umas das brincadeiras que eu mais gostei foi a das cantigas que cantávamos durante o percurso.

Quando chegamos, no dia seguinte, paramos para tomar café da manhã em uma lanchonete de beira de estrada, mas achei tudo um absurdo de caro, pois um copo de café era R\$ 4,50 e um único pão de queijo era R\$ 6,00 e nem era bom, para valer tudo isso. Depois fomos para o Colégio Aplicação do Rio de Janeiro. Não achei muito diferente do de Goiânia.

Todo mundo estava cansado da viagem, mas não podíamos parar para descansar, então já à tarde começamos nosso passeio turístico. Primeiro, começamos pela praia de Copacabana, que por sinal é muito bonita, adorei a paisagem que era linda e me encheu os olhos de felicidade e ficar por apenas alguns minutos olhando para o pôr do sol foi maravilhoso, é assim que a gente percebe que as pequenas coisas da vida valem sempre a pena.

Depois, já de noite fomos para um restaurante jantar, a maioria preferiu comer pizza, mas eu particularmente preferir jantar, mesmo, comida normal até pelo fato de não me dar muito bem em comer massa à noite, graças a minha gastrite e minha gravidez. Após o jantar, retornamos ao colégio para tomar banho e dormir, eu já estava morrendo de sono e já fui logo me arrumando para me deitar, porque é claro que tenho preferência na situação em que me encontro.

No dia seguinte fomos ao Museu do Amanhã que é muito conhecido, apesar de eu nunca tê-lo visto. Então lá no museu vimos inúmeras coisas diferentes. Neste dia estava tendo uma exposição de animais exóticos, coisa que me chamou muito a atenção pelo simples fato de eu adorar animais. Mais à tarde, quando acabamos de

fazer o tour pela exposição, fomos para a praia do Diabo que é muito bonita, mas também é muito perigosa, passamos a tarde todinha lá, mas eu não gostei muito.

Voltamos para a escola para arrumar as nossas coisas, pois iríamos embora no dia seguinte e eu estava muito animada com isso, porque viajar nessas condições não é muito agradável. Tudo me incomodava, apesar de eu ser um pouco chata, mas isso não vem ao caso.

Dormimos cedo até porque sairíamos cedo, porém isso não foi um problema para ninguém, porque soubemos nos organizar muito bem e fomos super atentos em relação a tudo. Quando já era de manhã, fomos para o ônibus e seguimos viagem.

É assim chegamos a Goiânia em uma segunda-feira de manhã. Do colégio, seguimos cada um para sua casa para um bom descanso da viagem que foi longa e cansativa.

Mas no geral gostei da viagem, apesar de alguns incômodos e acharia a viagem mais legal ainda se fosse em outra situação, não nesta em que estou no momento. E agradeço à professora e ao por ter proporcionado essa experiência nova, coisa que eu acho que nunca iria fazer, até mesmo pela falta de interesse. Mas valeu a pena ter ido!

§§§

13. Isabella Neiva

O sonho do Amanhã

A curiosidade por descobrir cada coisa que aquele lugar tinha para me oferecer se mostrava cada vez maior, eu não conseguia me concentrar em nenhuma música, nenhuma foto que olhava em meu celular, não conseguia dormir, não conseguia fazer nada que tirasse todo esse desejo pelo novo de meu peito!

Para tentar me distrair, comecei a imaginar como seria entrar no Museu do Amanhã pela primeira vez de minha vida, conhecer cada corredor daquele lugar, ver toda a estrutura daquele lugar que parece mais ser uma obra de arte, as exposições que me deixavam cada vez mais maravilhada.

Como poderia sentir a areia entre os meus pés, que até quando me queimava, era capaz de me deixar feliz, sentir a força da água batendo em mim em cada vez que a onda vinha com força e, com a mesma violência, recuava. Sentir em conjunto toda aquela felicidade, que era capaz de contagiar cada um de nós. Era difícil entender como tão pouco era capaz de nos deixar tão feliz, soa como um pouco de ingenuidade, ou uma extrema simplicidade, mas o novo provoca coisas em nós que nem mesmo sabíamos que éramos capazes de sentir!

O sentimento de liberdade e independência invadiria cada um de nós.

A parceria um com os outros só crescia. Percebíamos que éramos realmente uma família e que nossos laços haviam sido realmente construídos, e a saudade iria bater, e nós iríamos perceber que aquilo estava acabando, a nossa família iria se dispersar, e talvez jamais nos veríamos novamente!

Até que fui despertada dos meus pensamentos e em meio a toda a poeira e gritaria entendi que tudo aquilo de maravilhoso que eu tinha imaginado não iria acontecer, nós não iríamos conseguir sentir aquelas emoções, não saberíamos como seria entrar na água salgada, não saberíamos como seria sentir a areia entre os nossos pés, não andaríamos pelos corredores do Museu e não nos maravilharíamos com todas as coisas que ele teria para oferecer!

Creio que você está se perguntando “quando foi que você se perdeu no meio dessa história”? Eu explico, “você se perdeu junto com todos nós! Você se perdeu quando aquele caminhão apareceu completamente desgovernado e bateu no nosso ônibus, nos impedindo de chegar ao nosso destino, você se perdeu junto comigo, que enquanto nosso caminhão capotava incessantemente naquela rodovia, não conseguia pensar em nenhuma coisa além de ‘eu preciso sobreviver a mais um dia’”!

Agora estou aqui, não sei o que há de vir, ouvi algumas vozes nos dizerem que está tudo bem e que o socorro já está a caminho e, ao que parece, ninguém da turma está gravemente ferido, não sei se é verdade, mas tenho muito medo de pensar nisso agora.

Sinto lágrimas escorrerem de meus olhos, talvez de felicidade, talvez de medo, talvez de decepção, não sei bem do que são!

Sobre como foi a viagem ao Rio de Janeiro: talvez algum dia possa chegar a contar, mas hoje o meu real sonho do amanhã é ter voltado ao ontem e nunca termos saído de casa hoje!

§§§

14. João Víctor Marçal

Relato de um estudante goiano em uma viagem ao Rio de Janeiro

O dia 14 de setembro de 2017 foi especial em minha vida, pois neste dia eu viajei pela primeira vez sozinho com meus amigos, em uma viagem escolar para o Rio de Janeiro, “a cidade maravilhosa”. Aproveitei cada momento vivido na viagem, para começar, a viagem iniciou no dia anterior já que nem consegui dormir. No outro dia de manhã nem tomei café só para no meio da viagem lanchar com meus colegas.

Durante a viagem fizemos várias brincadeiras, mas confesso que fiquei com um pouco com medo, porque o pessoal começou a cantar a musiquinha de que o terceiro ano não tem medo de morrer, e eu sempre acreditei em superstição, então se acontece alguma coisa eu não ia ficar surpreso, mas no fim deu tudo certo. Tirar foto dos colegas dormindo e cantar no meio da viagem foi o maior barato. O problema foi quando paramos para almoçar e jantar na estrada, doeu bastante saber que quase metade do meu dinheiro tinha ido embora com uma comida ruim, embora isso a gente releva, pois o momento era especial.

Quando chegamos ao Rio, foi muito legal, conhecemos o Colégio Aplicação de lá e então pude matar minha curiosidade de saber qual era melhor, claro que eu estava certo, o de Goiânia é bem melhor. Após tomarmos um lanche reforçado, fomos para o Museu do Amanhã que, como de costume, cheio de conteúdo relevante ao qual quase ninguém deu moral, pois estavam presos em suas cavernas (no caso os celulares), preocupados em registrar o momento para dizer que foram lá, mas poucos realmente viveram e sentiram aquele momento. O mais impactante foram as explicações sobre o Aquecimento Global, fiquei muito triste em saber a situação do nosso mundo.

Porém, o momento era tão especial que foi só sair dali e já estava pensando em como ia ficar rico para poder ter uma “casona”, carrão e ir morar naquele lugar que era tão lindo.

Mas, apesar disso, doeu o coração ao olhar para as favelas e perceber suas proporções, quanta desigualdade no mesmo lugar! Foi então que percebi o porquê de o estado do Rio de Janeiro ser tão violento, a desigualdade social é muito grande, dessa forma algumas pessoas desfavorecidas pela vida fazem de tudo para conseguir seus objetivos.

Após este episódio, fomos para a escola dormir, mas quem disse que alguém dormiu?!?! Alguns alunos que dão preguiça só de olhar até que conseguiram, mas a maioria ficou conversando a noite toda, e eu fui um deles. Na madrugada do outro dia fomos em uma padaria, comemos e logo em seguida fomos para a praia, o mais engraçado foram dois colegas que foram se exhibir, mas acabaram se afogando e precisando da ajuda do bombeiro. Confesso que não segurei e comecei a rir. Depois disso, fomos para um restaurante e comemos bastante peixe, que estava muito bom por sinal. Depois, fizemos um tour de ônibus pela cidade.

À noite, no domingo, dia 17 de setembro, foi a hora mais triste, pois após todos terem tomado banho, fomos embora de volta para Goiânia. Na volta, como estava todo mundo cansado, praticamente ninguém aguentou ficar acordado e eu desmaiei de sono. Essa foi minha viagem escolar que jamais vou esquecer.

§§§

15. Kamilla Oliveira Carvalho

A viagem

Naquela manhã comum, quando ainda havia espaço para sonhos, um ônibus gigantesco parou na porta da escola. A A. já me esperava na porta. Nós nos questionávamos se aquele ônibus seria para alguma visita ao teatro ou algo do tipo quando vimos a P. e a L. do terceiro ano na porta com algumas malas.

– Ei, P., L. – Nós dissemos, acenando para elas – Para onde vocês estão indo? – Para o Rio de Janeiro! – elas responderam alegremente.

– Meu Deus! Sério? Que incrível – Falamos, abismadas e disparamos a questionar sobre a viagem até que a hora de embarcar foi chegando e elas se despediram.

A. e eu nos sentamos na calçada e ficamos apenas observando eles reunidos, orando e, depois, um a um embarcar naquela realidade que para nós ainda era apenas um sonho. Vimos a P. e a L. subindo e na minha realidade sonhadora me deixei imaginar eu, a A. e toda a nossa turma do segundo ano, talvez um pouco renovada, naquela situação. Todos nós sentadinhos nos bancos, eufóricos, e eu um pouco mais calma, depois de ter me desesperado com a A. que chegou em cima da hora, afinal não seria ela se ela não se atrasasse. Aos poucos Goiânia foi sendo deixada e as nossas vidas foi ganhando um cenário novo, pela janela os vastos pastos desmatados e os baixos níveis dos lagos e rios foram suscitando um debate no nosso pequeno grupo da frente, enquanto o grupo do fundo se divertia cantando e dançando.

Foi só na nossa primeira parada para o almoço que o aspecto sério foi se dissipando e nós nos perdemos em jogos e conversas mais leves e quando demos por conta já era noite e muito pouco podia ser visto pela janela, menos ainda dentro do ônibus. Fizemos uma segunda parada para jantar e talvez devido à escuridão o ônibus foi tomado por um espírito festivo que transformou a parte de trás do ônibus em uma verdadeira boate. E nesse contexto fomos desconstruindo a distância entre algumas pessoas que só a própria distância de casa e o conforto de alguns amigos permitiram essa aproximação. Mais tarde, quando a música se aquietou junto daqueles que a dançavam, nós que estávamos mais ao meio começamos a conversar animadamente sobre coisas aleatórias, aos poucos, o número de participantes foi diminuindo até restar apenas eu, a A., o V., o PC. e uma história de dormir. Lá pela terceira história, pegamos no sono com uma certa dificuldade pelo frio que fazia no ônibus.

Fui despertada por burburinhos fascinados. Tínhamos chegado ao Rio de Janeiro. Nossa primeira parada foi na universidade federal onde tomamos banho e o café da manhã, em um primeiro contato com os cariocas percebi a origem da nossa fama de sermos bons anfitriões, receptivos e alegres, fomos muito bem tratados.

Perto do prédio da faculdade de educação física havia uma paisagem encantadora da Baía de Guanabara, chegando mais perto todo o encanto foi quebrado, os arredores do lago estavam repletos de lixo e o cheiro não era nenhum pouco agradável. Confesso que fiquei um pouco decepcionada, imaginando que esse cenário se perpetuaria pelo resto da viagem. Quando saímos da universidade rumo ao Museu do Amanhã, minha tristeza foi ainda maior devido à pobreza e às condições pouco dignas às quais estão sujeitos os moradores das favelas. Rios contaminados passavam tão próximos das casas e algumas ruas não havia sequer asfalto.

À medida que íamos avançando ao nosso destino, a pobreza e o luxo ia se misturando. Policiais armados com fuzis podiam ser vistos, andando normalmente nas ruas, esse fato aparentemente tão corriqueiro para os cariocas me causou certa estranheza. Mais à tarde, a visita ao museu me surpreendeu positivamente, depois da visita fomos para o colégio onde passaríamos a noite, alguns alunos cariocas ainda estavam no colégio e foram bastante receptivos.

No segundo dia, nos divertimos bastante na praia do Diabo. No último dia, passeamos pelo calçadão da praia de Copacabana e fomos embora.

A euforia do início da viagem deu espaço a um grande cansaço e a maioria acabou dormindo quase durante toda a viagem de volta. E de algum modo aquela viagem nos aproximou. Mas tudo isso ainda era apenas um sonho grande e longe demais. A. e eu entramos e assistimos a uma bela aula de literatura naquele dia.

As distâncias podem promover aproximações.

§§§

16. Laura Gonçalves Cunha

Excursão formada, no dia 15/09 partimos rumo ao Rio de Janeiro. Estava tudo sob controle, o hotel e os passeios já estavam programados. Após 20 horas de viagem, chegamos à cidade maravilhosa, logo caminhamos para o hotel para descarregar a bagagem, para que pudéssemos visitar alguns pontos turísticos da cidade, no primeiro dia.

Foi quando o motorista de nosso transporte ficou perdido e, sem saber a localização do nosso dormitório, entrou em um beco que dava acesso ao Morro da Rocinha. Lá estava acontecendo uma guerra entre os traficantes moradores do morro e seus rivais, devido à comercialização das drogas. De repente, escutamos um barulho de tiro e assustados ficamos quietos e atentos. Assim que se passaram 15 minutos dentro do local, começou o tiroteio, moradores tentando se proteger, comerciantes fechando a porta de seu comércio, e logo vimos uma mulher de branco correndo desesperada, sem saber onde se proteger. Foi assim que estacionamos o ônibus e a acolhemos no veículo. Então, a instrução era abaixar e nos esconder

debaixo das poltronas para nos protegermos. No ápice do confronto, uma bala perdida atinge uma colega de viagem e sem ter um pronto socorro para atendê-la, uma enfermeira deu os primeiros socorros e já entrou em contato com o hospital em que trabalhava para preparar uma UTI para jovem. Guiando o motorista até o hospital, saímos do morro e internamos nossa colega que, inicialmente, estaria num quadro clínico grave. Logo após quatro dias da tragédia, seu estado já não era grave, e sim estável. Ficamos dando o suporte até sua recuperação, para que pudéssemos voltar para casa.

A programação da viagem foi alterada e somente foi possível visitar o Museu do Amanhã, pois todos os viajantes já tinham compromisso em Goiânia, por isso precisávamos retornar no dia seguinte. Só estávamos esperando a alta médica de nossa colega para poder retornar. Assim, um dia antes do combinado da volta para casa, ela ganhou o aval dos médicos para se recuperar em casa.

§§§

17. Letícia Martins Lima

Percebi que já havíamos saído de Goiás quando não avistava mais nenhuma plantação de eucalipto ou uma névoa seca gigantesca cobrindo o céu aliada à falta d'água nos córregos e pontes. Época de seca no estado de Goiás é duro de aguentar. Que bom que o lugar para o qual estávamos indo era bem úmido.

Foram 21 horas na estrada, com paradas, em Cristalina de Goiás-GO e Três Marias-MG, para comer e fazer as necessidades que não eram possíveis no minúsculo banheiro do ônibus. Quando a noite caía, o ônibus executivo da UFG se encontrava nos últimos municípios mineiros antes do limite fronteiro MG-RJ e, enquanto todos dormiam, eu aproveitava a ausência de luz artificial na estrada escura para contemplar a luz noturna natural: as estrelas que estavam mais numerosas e brilhantes sem toda a poluição visual encontrada em cidades grandes como Goiânia.

Em torno de 05h32min da manhã do dia 15/09/2017, eu, acordada antes de boa parte dos passageiros, percebi que as placas já indicavam bairros cariocas. Tínhamos chegado à cidade maravilhosa, tínhamos chegado ao Rio de Janeiro. Depois de alguns minutos rodando na cidade, o executivo da UFG adentrou a Ilha do Fundão da cidade universitária da UFRJ e nos deixou na Escola de Educação Física e Desporto para comermos, tomarmos banho e escovarmos os dentes.

Nesse primeiro dia, fizemos o trajeto de embarcação Rio-Niterói e visitamos o Museu do Amanhã para, à noite, nos instalarmos na versão carioca do nosso colégio: o Colégio de Aplicação da UFRJ. Nesse dia eu aprendi certas coisas sobre mim, a minha escola e os cariocas: a primeira é que eu não gosto de suco de guaraná (ou Guaravita, como preferir chamar), a segunda é que o meu colégio é muito grande

e tem bastante estrutura e a terceira é que não é preciso ter medo de imitar um carioca de forma estereotipada, eles falam do jeito “Bixcoito de Dex Reaix” mesmo.

No segundo dia (que foi o melhor, a meu ver), já um pouquinho mais descansados, fomos até a Praia do Diabo, vizinha da Praia do Arpoador e do famoso calçadão de Ipanema. Nela, eu tive a experiência pela primeira vez de tomar banho no mar (a propósito, levar caldo no mar é mais apropriado... ou quase perder as sandálias Havaianas no Oceano Atlântico, também serve) e devo dizer que é algo único. Tirando o ponto negativo de comprovar (sem ser de forma voluntária) que a água do mar é extremamente salgada, foi um alívio refrescante tomar aquele banho gelado no sol torturante do RJ (ainda queria saber o motivo científico de lá, em menor temperatura, ser mais quente que Goiânia) e brincar com a areia é algo bastante divertido. Foi uma experiência fantástica ter contato com o mar pela primeira vez, eu já o tinha visto ao vivo antes, mas foi no inverno de FlorianópolisSC, então eu não entrei (já que fazê-lo seria quase morte por hipotermia).

No terceiro e último dia na cidade maravilhosa, forçosamente levantando às 5 da manhã (juro que eram 04h55min quando eu levantei), demos um passeio pelo também famoso calçadão de Copacabana. Apesar de estarmos em pleno Rock in Rio meu grupo, pelo menos, não encontrou nenhum famoso por lá. Compramos lembrancinhas para a família e entes queridos no geral e passamos em frente a vários condomínios de rico, além do famoso hotel Copacabana Palace (que é murado, a título de menção).

Nesse último dia, antes de partir de volta para Goiânia eu levei algumas reflexões comigo. Creio que a mais importante delas é que se a desigualdade social no Brasil não fosse tão grande, seríamos um lindo país de primeiro mundo, pois, o Rio de Janeiro, apesar da alta taxa de violência ainda merece o título de cidade maravilhosa. A vista da cidade pelas pedras do arpoador é uma das coisas mais lindas que eu já vi em paisagem na minha vida, toda a beleza natural exuberante é digna de ser vista por todos, a meu ver.

Depois de almoçar no único restaurante que amarra troco de 10 centavos que eu já fui (mas que tinha uma ótima comida), nos despedimos da Lagoa Rodrigo de Freitas, de Copacabana, de Ipanema, da Praia do Diabo, do túnel Rebouças, das linhas vermelha, amarela e azul, da Ilha do Fundão e do Cristo Redentor ao longe, e partimos de volta para Goiânia, dessa vez não cortando apenas Minas Gerais, mas sim passando por São Paulo e Minas Gerais (juro que acordei de um cochilo justamente na placa que dizia “bem-vindos ao estado de São Paulo”). Passamos por Ribeirão Preto, Via Dutra, Via Anhanguera, Uberaba, Uberlândia, Itumbiara e Aparecida de Goiânia. Desta vez não foi possível observar estrelas no escuro da noite (é fácil notar quando se está no estado de São Paulo).

Mesmo chegando a Goiânia com muito sono, eu cheguei com o sentimento de que a viagem valeu a pena não apenas por me fazer refletir, mas também por me colocar em contato com novas experiências (como tomar banho no mar) e também

com um novo lugar ao qual nunca tinha ido antes, ter me possibilitado ver novas paisagens, outros costumes –principalmente linguísticos – presentes no mesmo país, dentre outras boas experiências de contato com pessoas de outro estado. Valeu muito a pena e eu fiquei com o sentimento de querer voltar para a cidade maravilhosa em breve.

§§§

18. Loenis Fernandes Siqueira Junior

Viagem para o Rio

A viagem para o Rio, de primeira, não parecia uma boa ideia mas eu falei com minha tia e ela disse que seriam novas experiências, que eu deveria experimentar. Eu pensei logo, vai ser legal, só que eu ainda estava com um pé atrás, eu quase desisti no último segundo. Pareceu que nada era para dar certo. Minha tia não conseguiu ir à última reunião de preparação da viagem. Pelos colegas fiquei sabendo que quem não tivesse ido não viajaria mais para o Rio. Mas por insistência da minha tia eu acabei falando com a professora de português a ela falou que não era bem assim, falou que se eu conseguisse a assinatura na autorização de viagem eu ainda poderia ir. Consegui a assinatura, ganhei a grana para estadia e conselhos para ser um bom menino.

Foi no dia de ir para o Rio que eu consegui entregar a assinatura no último segundo. Entrei no ônibus muito inseguro. Quais seriam os problemas, quais seriam as dificuldades? A primeira coisa que eu pensei, vou sentar do lado de um conhecido. Lá vou eu, sentei do lado do P. Na verdade, ele me convidou, assim sucedeu. A gente zarpou para o Rio e claro que fizemos uma oração antes de entrar no ônibus. Nas primeiras horas da viagem, veio um dos primeiros arrependimentos, eu não tinha conseguido arrumar meu mp3 a tempo da viagem. Eu tive que aguentar aquelas músicas ruins durante a metade da viagem. Ainda bem que eu não era o único que não estava feliz. É, o diretor pediu para desligar o som porque o negócio estava feio... Aí, fizemos a primeira parada, foi rápido. Continuamos tentando mexer no som do ônibus, tentamos por músicas nele, daí bateu o arrependimento de novo, se eu tivesse trazido o mp3, eu teria as peças necessárias. Na segunda parada, compramos um otg, cada um pagou um pouco, assim conseguimos colocar as músicas que queríamos, mas não foi o tempo todo, as músicas eram tão ruins que o diretor não queria mais que colocasse músicas. Por isso, eu dormi, acordei no Rio de Janeiro, sentido frio por causa do motorista que colocou o ar condicionado muito frio. Quem mais sofreu com isso foi o P., professor de educação física, que não estava com cobertor, mas ainda bem que no meio da noite arranjamos um cobertor para ele.

Chegamos ao Rio, banhamos, almoçamos, fomos passear pela cidade. Demos uma volta de barca, apesar de que eu nem queria ir, mas o ditador diretor falou que seria legal. Meio que que não foi tão ruim assim. Vimos o museu no fim da tarde, lá foi bastante interpelante. O que mais me chamou atenção foi como são

organizadas as exposições. Eu só não gostei da guia, ela fazia as perguntas, eu respondia a melhor resposta, ela falava que não era exatamente o que eu falei. No final, ela concordou comigo. Tiramos bastante fotos, o fato mais interessante foi quando estávamos à espera do ônibus, eu vi os policiais do Rio. Eles andam com os fuzis para fora do caro, foi meio assustador. Daí fomos para a escola de aplicação, à noite. Fomos recebidos pela diretora e por alguns alunos. Eles ensinaram umas brincadeiras bobas, nos entrosamos, aí eles foram embora e nem nos vimos mais. Fomos jantar, só que o porteiro da escola ficou de atender a gente quando voltássemos, mas ficamos esperando um tempão. Ele não atendia à campainha. No fim, deu tudo certo. No outro dia, fomos conhecer a praia e o esporte favorito do diretor. Vimos conhecidos dele que também praticavam esse esporte e tiramos mais fotos. Voltamos para a escola, jantamos e dormimos. A segunda coisa paia que aconteceu foi que a diretora falou que, no último dia, a gente teria que desocupar a escola antes das seis. Antes das seis, já tínhamos que ter arruado tudo e saído. Só que o ônibus ia buscar a gente às 8h. Tivemos que esperar na frente da escola. O paia é que no último dia tínhamos combinado de passear pelo calçadão. Eu já tinha me queimado todo, eu tinha passado protetor solar... Mas o mais paia foi que as lembrancinhas, na praia, eram muito caras e o diretor não tinha planejado direito. Depois ele falou que a gente poderia ter ido compra lembrancinhas em um lugar em que os chaveiros eram um real. Almoçamos. O mais doido e que antes de a gente sair vimos um desfile contra o desrespeito às religiões, daí fomos embora. Na viagem de volta vimos as fotos do celular do diretor no aparelho de vídeo do ônibus, mas foi só isso. À noite, na volta, vimos o Rio Tietê e não teve nada mais muito interessante.

Na minha opinião, foi legal a interação com os colegas. Foi boa a conversa durante a viagem. Foi bom conhecer melhor alguns colegas. Houve umas tiradas marcantes, as brincadeiras que ninguém vai esquecer e o banheiro que estava muito disputado. O diretor bravo, mas nada além disso. Foi bom, eu acho que eu vou repetir de ano para ir de novo. Foi bom. O pior de tudo é que foi tudo muito corrido, não havia tempo para curtir o Rio. Os banheiros foram muito disputados. O dinheiro acabou muito rápido porque o diretor não tinha planejado direito e não compramos muitas lembranças por que estavam caras no calçadão. Apoio muito essa iniciativa e quem perdeu foi quem não foi.

§§§

19. Luana de Souza Oliveira

Quando fui informada de que o 3º ano iria para o Rio de Janeiro no final deste ano, meu coração já foi a mil. Fiquei logo pensando nos meus looks de cada dia, poses para fotos e tudo mais. Contava os dias, as horas, os segundos. Passou tão rápido que quando a ficha caiu, lá estava eu e todos os meus amigos dentro do colégio da UFRJ.

Foram 24h dentro de um ônibus, muito cansativo, mas com os amigos, diretor e professores animando, cantando e fazendo piadas estava sendo uma das melhores 24hrs (mesmo com o desconforto de um ônibus).

Fizemos paradas na estrada e fiquei chocada com o preço das coisas. R\$ 58,00 o kg da comida, R\$ 8,00 um picolé, um grande absurdo, mas estávamos indo para uma cidade turística, não podia esperar menos e deveria estar ciente de que lá no Rio seria mais caro.

Chegando ao Rio fiquei maravilhada, que lugar lindo (um pouco fedido mais é lindo). O calor daquele lugar é de enlouquecer, sensação térmica parecia de 70°C. Confesso que estava com medo de ficar ali, já que falam tanto das favelas do Rio de Janeiro, mas não podia ficar pensando nisso, apenas pensamentos positivos e viver sem medo, esquecer todos os problemas e me divertir.

Assim que chegamos ao colégio, tomamos banho rapidamente, trocamos de roupa e fomos almoçar e logo em seguida fomos ao Museu do Amanhã. Não tirava o sorriso do rosto e as palhaçadas dos meus amigos não paravam nunca. O museu é a coisa mais linda de se ver, fiquei encantada com cada detalhe daquele lugar. Admito que imaginei que seria um passeio bastante sem graça, até porque não gosto muito de museu, mas eu estou impressionada até agora com a perfeição, com o cuidado que tiveram em desenhar cada detalhe.

Depois de olhar todo o museu, fomos jantar, não comi muito porque tinha levado pouco dinheiro, mas foi o suficiente. Chegamos ao colégio e ficamos brincando de twister, foi a maior bagunça, descobri que muita gente jogando não dá certo. Ficamos acordados até tarde, umas 3h da manhã. Acordamos mortos de cansados, vestimos nossas roupas de banho e fomos para a praia.

Que praia linda, limpa e muita gente bonita. Estava morrendo de vergonha, ninguém ali já me viu de biquíni, eu quis enfiar minha cabeça na areia e ficar por ali mesmo, só sair para voltar para escola. Mas depois pensei “Eu vim para me divertir, não vou ter vergonha e nem medo. Vamos Lu, você consegue”, e depois de muito custo e muitos pedidos das minhas amigas, fiquei apenas de biquíni e fui para o mar.

Já tinha ido à praia, em Salvador, mas era totalmente diferente. Teve muitos momentos engraçados. Minhas amigas nunca tinham ido à praia, elas se afogavam e perdiam os biquínis o tempo todo, não parei de rir um segundo se quer.

No domingo, depois do almoço, fomos embora. Ninguém aguentava ficar em pé, estávamos muito cansados. L. tomou sol de blusa, ficou muito engraçado. Eu não peguei nenhuma corzinha, porque sou difícil. Na volta não teve muita animação, mas o tanto que teve foi maravilhoso. Estava triste porque não queria voltar para casa logo, mas foi bom enquanto durou. Uma ótima experiência que eu viveria milhões de vezes. Agradeço muito ao diretor e aos professores e professoras por terem dado essa oportunidade para nós. Foi mágico!

§§§

20. Samira Salha

Tudo começou por um convite. E é claro irrecusável. Como uma pessoa que nunca foi a uma praia poderia recusar essa oportunidade. Preparei-me durante meses, a ansiedade já tomava conta de mim, minhas malas estavam feitas há dias e parecia que o grande dia não chegaria nunca.

Minha mãe, como uma boa protetora, logo se recusou a pensar sobre a ideia de que eu queria muito ir. Mas meu pai, um grande explorador de lugares, ficou super empolgado e a convenceu. Até ganhei um colchão de ar da minha avó, pois fora recomendado pelo diretor que levássemos colchão.

Enfim, chegou o grande dia! Tive a noite mais longa de toda a minha vida, creio que dormi aproximadamente 2 horas ou até menos, mas nada atrapalhava a minha felicidade, nem mesmo o cansaço.

Bom... Apesar de ser uma aluna nova na classe, fui muito bem recebida pelos meus colegas desde o começo do ano. Sendo assim, parecíamos compartilhar do mesmo sentimento de emoção naquele momento, sentimos isso com os professores e o diretor que nos acompanhou.

A viagem foi longa, ao total 24 horas dentro de um ônibus, muito confortável. Ufa! Chegamos à Cidade Maravilhosa. Tomamos um banho refrescante na UFRJ, bem rápido e fomos ao encontro do grande Museu do Amanhã. Magnífico, realmente o meu sonho se realizava ali! Fizemos uma breve refeição e rapidamente já estávamos na praia, naquele típico calor de 40 graus.

O mar é espetacular, nunca havia visto tanta água assim em toda minha vida. E a primeira coisa que eu fiz foi experimentar aquela água salgada, não me arrependi, mas confesso que o gosto não é muito agradável.

Passamos o dia na praia, depois fomos para o Colégio Aplicação do RJ, tomamos banho e saímos para jantar. Uma noite muito agradável ao lodo de pessoas muito diferentes do dia a dia na sala. Estavam todos muito alegres por estarem ali, os professores e o diretor se divertiam, todos juntos.

Ao amanhecer fomos conhecer a favela da Rocinha. Uma realidade cruel, instalações inapropriadas para se morar, um morro comandado por um traficante. A realidade é cruel, mas pudemos observar a esperança de dias melhores nos olhares dos mais jovens, que brincavam em sua inocência.

Fomos surpreendidos na saída da favela, onde um grupo de traficantes cercou o nosso ônibus. Que desespero! Todos com muito medo, pois já temos uma construção maliciosa sobre os moradores de uma favela, uma construção completamente influenciada pela mídia.

Os traficantes que comandavam o morro pediram para que todos nós descêssemos do ônibus e nós escutamos, assim como as orientações daqueles que

nos orientaram em não reagir e sempre manter a calma. Estávamos muito assustados com o que poderia vir a acontecer.

O traficante que comandava o morro não parecia estar feliz com a nossa presença. Sua face era intimidadora. E então ele nos perguntou o que estávamos fazendo ali, se era para conhecer uma realidade cruel ou apenas conscientizar de que devemos agradecer por nossa vida todos os dias.

E então escolhemos uma pessoa para representar a sala, essa pessoa explicou o nosso intuito da atividade extraclasse. O comandante do morro foi convencido e após muitos esclarecimentos tudo foi resolvido e ele nos convidou para assistirmos e participarmos de várias oficinas sobre arte e educação.

Nessa palestra ouvimos relatos de pessoas que nasceram na favela, mas tiveram um futuro diferente. Estudaram e se formaram, apesar de todas as dificuldades. Foi uma inspiração para todos nós.

Retornamos ao Colégio Aplicação do RJ, arrumamos nossas malas e voltamos para nossas casas. Foi uma experiência incrível, quando contamos essa história, todos ficaram chocados com a organização dessa favela que pretende tirar a visão do tráfico da vida das novas gerações nascidas e criadas naquele ambiente.

Ao chegar em casa, recebo a notícia, por um meio de comunicação, de que a favela havia sido ocupada por um outro grupo de traficantes e que eles estavam em guerra, foi preciso intervenção do exército. E horas depois, outra notícia, o traficante que tanto foi gentil, havia sido morto pelo grupo rival.

§§§

21. Vitor Castro Braga

Cidade maravilhosa

“Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa, lugar de incomparável beleza, lugar de diversidade, de águas geladas, de alegrias, de inspirações para artistas. Um lugar perigoso, violento, onde a polícia existe, mas quem manda é fora da lei”... Os boatos são muitos, o que a TV passa parece verídico. Se estou com medo? Já nem sei dizer, mas empolgado sem dúvida.

Quinta cedo, 7h da madrugada, minhas malas estão prontas e eu acordo, ligeiramente cansado por acordar cedo, mas nada que abale a minha empolgação. Chego na escola, já estão quase todos lá, não esperamos muito até que o ônibus chegasse. Que ônibus! Chamada rápida e partimos. Viagem monótona para quem

estava na frente, observava a estrada e dormia. Foi assim até que chegou a noite. Estava frio, eu sem cobertor, o jeito era passar frio mesmo.

Sexta, eu acordo e já estão todos eufóricos dizendo que já estávamos no Rio, mas onde estava a cidade maravilhosa? Eu só via fábricas, guindastes, usinas. Pouco a pouco o cenário muda, vejo grandes montanhas ao longe e a beleza vai se mostrando. Chegando no campus da UFRJ, fomos comer e tomar banho, finalmente. Saímos para andar no sol e pegar um câncer antes de ir ao Museu do Amanhã, um museu curioso, inovador, mas que, infelizmente, não me agradou muito.

Primeira noite na escola de aplicação do Rio, fizemos uma brincadeira estranha com os processos de física. Banho e cama (pelo menos para mim).

Sábado de manhã, todos de pé logo cedo para não perder tempo. Era dia de ir à praia, Praia do Diabo, nome um tanto curioso para levar um bando de adolescente. Mas a praia não faz jus a seu nome, lugar muito bonito, um lugar até poético, dependendo dos olhos que a veem. Aproveitamos muito esse dia, foi a chance de pessoas, que nunca haviam visto o mar, provar o gosto da água salgada.

Sábado à noite, brincamos até muito tarde e quando fui ver já estava quase na hora de acordar, esperei a noite passar.

Domingo, dia de ir embora (a vontade de rir é grande, mas a de chorar é maior). Passeio em Copacabana, solzinho básico de uns 37 graus. Valeu a pena.

Por não ter dormido na outra noite, dormi durante a viagem, infelizmente, pois perdi belas paisagens.

A ideia de levar um bando de adolescentes para um lugar tão grande e perigoso é um tanto ousada, muita coragem dos nossos professores, mas a confiança se conquista e acredito que conquistamos a confiança dos professores, foi uma viagem maravilhosa, tanto quanto a cidade que visitamos, maravilhosa, de beleza incomparável, de água gelada e repleta de lugares inspiradores, um lugar que fala de história, que vive o presente como nem um outro lugar e que se preocupa com um possível e lamentável futuro. Tudo que tenho a fazer é agradecer aos professores e às professoras que nos proporcionaram essa experiência única e Maravilhosa.

§§§

22. Yasmin Lima de Mello Amaral.

Muito antes dessa viagem acontecer, posso confessar que eu estava literalmente contando os dias, eu estava muito ansiosa para a viagem, pois eu não conhecia o mar e era uma das minhas maiores vontades.

Enfim chegou o tão esperado dia 14 de setembro. Logo no dia 15, quando chegamos à tarde, fomos para o Museu do Amanhã que se localiza próximo à Marinha. Gostei bastante do intuito do Museu, e as reflexões que ele traz, não é um

museu como estamos acostumados a imaginar, cheio de coisas pré-históricas e/ou matérias antigas que nos relatam algo. O conteúdo do Museu é digital e interativo, que relata diversas coisas que estão acontecendo em nosso meio, o próprio nome do Museu já tem um propósito, “Museu do Amanhã”, ou seja, o amanhã, o que será dele. Todo o Museu e seu conteúdo me fez refletir sobre as consequências das vaidades do homem sobre o nosso planeta Terra. Saí de lá pensando muitas coisas e triste ao mesmo tempo com tudo que o homem foi e é capaz de fazer com a Terra, com seu próximo e tudo que vem acontecendo...

No dia 16 (sábado), acordamos cedo para fazer o que eu estava mais ansiosa, ir à praia. Quando chegamos lá, foi uma sensação inexplicável. Quão grande era a beleza e imensidão do mar! Eu realmente fiquei emocionada com toda aquela paisagem, foi maravilhoso poder sentir aquela areia, aquela água e poder presenciar aquele ambiente que eu somente tinha visto por fotos e vídeos, posso dizer com toda a segurança que minhas expectativas foram superadas, a propósito, adorei ter comido o famoso camarão no espeto da praia. Ah, sem esquecer do ar com boa umidade, coisa que não tem aqui em Goiânia. Mas entendo que é por conta do nível do mar.

Se eu realmente for relatar tudo, ficaria muito extenso o texto, também não seria o suficiente para realmente relatar tudo que senti e conheci. Porém, com toda aquela beleza, grandeza e boa recepção da grande metrópole, eu me entristeci. Aqui, em Goiânia, a desigualdade é grande, mas nada comparado ao que eu vi no Rio de Janeiro. As favelas, como são lindas e ao mesmo tempo “feias”, como havia ambientes tão distintos e juntos ao mesmo tempo, me fez lembrar do Museu, de tudo que vi lá, são duas realidades juntas, isso realmente me deixou pasma.

Fora isso, eu adorei a viagem, apesar de não ter conhecido o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor (pelo menos deu pra ver de longe), mas eu fui sabendo que esse não seria o propósito da viagem, foram poucos dias, mas dias que ficarão muito bem guardados em minha lembrança, eu adorei ter conhecido o Rio de Janeiro, quando eu tiver oportunidade quero voltar, e se eu pudesse recomendar para todos que ainda não foram eu recomendaria com todo entusiasmo, sem explicações, vou sentir falta de tudo aquilo, do carinho e interação entre os amigos e colegas do terceiro ano (E.M), sem esquecer dos professores que foram também, foi uma ótima experiência conhecê-los fora do ambiente escolar.

Poderia escrever mais, porém digo que estou extremamente grata à oportunidade da viagem e de tudo que aconteceu!

§§§

23. Anna Jullia Souza Castro

Após muitos meses de espera, chegou a viagem mais almejada pelo nosso terceiro. Estávamos todos animados na manhã do dia 14 de setembro para nossa grande viagem ao Rio de Janeiro, todos os alunos se encontravam alegres e super

ansiosos para conhecermos essa cidade que faz jus ao que todos dizem, realmente é maravilhosa.

Fomos o caminho inteiro cantando e nos conhecendo mais, pois faltava afinidade entre as turmas, mas isso foi resolvido com diálogo. Foi a viagem mais alegre e mais engraçada da minha vida.

Chegamos ao Rio de Janeiro no dia 15 de setembro, por volta das 5h da manhã; fomos para a Faculdade de Educação Física da UFRJ, onde nosso diretor se formou, nos arrumamos e fomos conhecer o Museu do Amanhã, o qual me deixou muito surpresa por sua beleza, uma estrutura belíssima. No Museu do Amanhã vimos sobre a formação da Terra e até os dias de hoje, e percebemos que estamos destruindo o nosso planeta completamente, e poucas pessoas pensam no dia de amanhã, se iremos ter recursos básicos para continuar vivendo, porque as pessoas pensam em apenas evoluir tecnologicamente e se esquecem de cuidar do seu bem mais precioso.

Na noite do dia 15, fomos para o CAP, onde dormimos. Ao chegarmos lá, fomos muito bem recebidos pela diretora e alguns alunos que fizeram duas brincadeiras com a gente. Continuamos realizando-as até hoje, porque nos marcou.

No dia 16, fomos para à praia, e foi algo tão maravilhoso ver a felicidade de alguns alunos que nunca haviam visto um mar, foi tão bom estar com eles naquele momento, amigas minhas que nunca haviam visto se emocionaram e eu acabei me emocionando também, vendo aquele mar maravilhoso e aquela praia maravilhosa. Foi um dia lindo, alegre, acredito que foi o dia que uniu todo mundo.

No dia 17, fomos passear em Copacabana, aquele calçadão maravilhoso, aquela cidade maravilhosa, foi tudo muito lindo, uma praia lindíssima. Após o nosso passeio em Copacabana, pegamos a estrada de volta. Nas primeiras horas, todo mundo dormindo, porque a maioria se encontrava exausto por ter que acordar todos os dias muito cedo e acabar indo dormir muito tarde. Quando todo mundo acordou a alegria voltou e voltamos a cantar e conversar. Foi uma viagem maravilhosa, aprendi muita coisa, aproveitei muito, foi tudo muito bom. Vou levar as lembranças para vida todo e sempre serei grata à Professora I., ao diretor A. e ao Professor P. por nos levar e cuidar tão bem de nós, são pessoas maravilhosas.

§§§

24. Danyella Ferreira Oliveira

Era um dia feliz, quando eu e meus amigos estávamos nos preparando para uma viagem ao Rio de Janeiro. Transbordando de ansiedade, mal conseguimos dormir. Saímos da porta da escola às 9h da manhã. Todos nós muito empolgados, fomos cantando e dançando no ônibus. Chegamos ao Rio já eram quase 6h da manhã. Era tudo tão bonito, prédios e casas com grandes estruturas e formatos que pareciam ser antigos. No primeiro dia fomos ao Museu do Amanhã, esse foi um dos lugares

mais lindos que já conheci, o mar em volta e estrutura grande e bonita, foi o que mais me chamou a atenção. Quando entramos, havia um globo de LED girando no teto, mostrando como o mundo é visto de cima durante todos os períodos de um dia. Entramos em várias salas e vimos de imagens de cometas até a poluição causada pelo homem.

No outro dia de manhã, fomos para Praia do Diabo, aquelas rochas e o mar batendo nelas foi outro lugar que é um dos mais lindos que já conheci. Passamos pela praia de Ipanema, com aquele calçadão maravilhoso e rodeada de prédios bonitos e grandes. No último dia passamos por Copacabana, que é uma das praias mais famosas do Rio e também uma das mais movimentadas. Enfim, o Rio de Janeiro realmente é a cidade maravilhosa.

§§§

25. Geovanna Amaral

Chegamos à cidade em um dia ensolarado, agitado, com sensação térmica de 50°C. Animados com a ideia de estarmos reunidos em um mesmo lugar, turistando a bela cidade do Rio de Janeiro. Apesar de já termos feito algo assim antes, tudo era muito novo para nós... Os amigos eram novos, o ambiente para muitos não era conhecido, e o que não sabíamos era que esta viagem serviria para nos tornar amigos, mesmo que fosse por esses últimos três meses de Ensino Médio.

Fomos levados para onde estaríamos alojados para que pudéssemos nos arrumar e partirmos para a aventura de conhecer a cidade.

Pegamos um barco, nosso primeiro contato com o mar após entrarmos na cidade. Apesar do estômago ruim, o que guardo na lembrança sempre será a cena da cidade e do mar, ambos se cruzando, se entrelaçando e tudo aquilo perante a mim, meus olhos e uma foto, é claro.

Conhecemos, também, o Museu do Amanhã. Sempre amei poder viajar e não só conhecer o lugar e as pessoas, mas sim conhecer a história que os rodeia, cultura, e tudo o que puder ser de mais diferente de onde venho. Saber e poder sentir o choque entre regiões, por mais que seja de um mesmo território nacional, é de grande relevância para mim, transborda a alma.

No outro dia, o dia tão esperado por todos, fomos à praia. Para alguns, a primeira experiência; para outros, o reencontro com o mar. Muitas risadas, muita comida, muito frescobol, muitos caldos/cachotes dados pelo mar, muita ardência na pele, e tudo o que o Rio pode nos oferecer de melhor.

Apesar do turbilhão de informações que a cidade tem enfrentado, como a tensa situação da Zona Norte e suas respectivas comunidades, com o festival Rock in Rio, tudo nos correu bem, fizemos uma viagem que, por mais que o tempo nos separe, vai ficar na memória de todos.

Ao colégio, a gratidão de nós alunos; aos professores, nosso desejo de prosperidade e cumprimento por sua dedicação; aos alunos, um brilhante futuro nessa nova caminhada que vai se iniciar.

§§§

26. Henrique Marinho

A VIAJEM AO RIO DE JANEIRO NA VISÃO DE HENRIQUE MARINHO

Entre os dias 14 e 18 de setembro, o Colégio de Aplicação – CEPAE – da UFG levou a mim e a meus colegas de classe a uma viagem à cidade do Rio de Janeiro. Ficou planejado que ficaríamos hospedados no CAP/RJ. No primeiro dia, fomos ao Museu do Amanhã; no segundo dia, saímos para conhecer a Praia do Diabo; no terceiro e último dia, caminhamos no calçadão de Copacabana.

Chegamos na cidade no dia 15, por volta das 6h da manhã, logo na entrada eu fiquei impressionado com a beleza da cidade, pois passamos por uma ponte onde tinha um rio muito bonito. Primeiro lugar a que nós fomos foi na UFRJ, na Faculdade de Educação Física. Tomamos banho e café da manhã e logo fomos dar um passeio no centro da Marinha. Chegando lá, tivemos uma visão muito bonita do Rio. De volta à faculdade, fomos almoçar para que depois fôssemos ao Museu do Amanhã, onde vimos que um Museu não necessariamente precisa falar somente de coisas antigas. Por exemplo, esse estava falando de como estamos cuidando do Planeta e nos mostrou como estamos acabando com as vidas futuras, foi excelente. Logo após tudo isso, finalmente fomos nos hospedar no CAP/RJ, chegamos lá, arrumamos nossos colchonetes, tomamos outro banho e fomos jantar. Eu comi quatro pedaços de pizza, estava uma delícia.

No segundo dia, acordamos bem cedo, preparamos as coisas e logo às 8h fomos para a praia, ficamos o dia inteiro lá, jogamos Frescobol e tomamos banho de mar até enjoar. Almoçamos por lá, todo mundo adorou, eu montei uma barraca sozinho e ela ficou quase perfeita, só faltou ela parar em pé. Às 17h retornamos para jantar, eu e meus amigos fomos para a Subway comer sanduíche, eu comi um sanduíche muito grande, e logo fui dormir de barriga cheia.

No terceiro dia, foi o pior dia, pois acordamos muito cedo, às 5h, eu mal parava em pé de tanto sono, pois estava muito cansado e ainda fomos dar um passeio no calçadão de Copacabana, foi onde comprei várias lembrancinhas para presentear meus amigos e parentes. Então almoçamos lá por perto e logo entramos no ônibus, para vir embora rumo à Goiânia.

Eu sinceramente adorei a viagem, para mim foi tudo de bom, pretendo voltar lá outra vez e explorar muito mais daquela cidade maravilhosa, até hoje estou muito feliz por ter tido essa experiência.

§§§

27. Isadora Azevedo

Eeeehhh, hoje, finalmente, chegou o grande dia! Bom, esse foi meu pensamento quando eu vi que realmente era o dia da viagem. Esse dia foi tão esperado que eu nem acreditava, foram meses esperando.

Mas quem vê tanta ansiedade nem imagina que eu havia deixado tudo para última hora, pois é. Atrasada como sempre.

Mas enfim, segue o baile. Eram umas quatro horas da manhã, eu não havia dormindo, resolvi me arrumar para viagem. Enquanto eu tomava banho, minha mãe foi trabalhar. Fiquei triste pois minha ansiedade me atrapalhou a me despedir da minha mãe.

Bom, já estou pronta, esperando o meu vô me levar. Mas o inevitável acontece, meu vô esquece da viagem.

Eu tive que ir à casa dele acordar ele.

Depois de tanta luta, consegui chegar no colégio. Era tanta felicidade que minha mala rosa básica caiu no barro lindo do CEPAE.

Dei um abraço no meu vô.

E entrei no ônibus com aquela sensação de frio na barriga, incerteza.

Eu e minhas melhores amigas, com as quais ainda mantenho uma ótima relação, estávamos muito empolgadas.

Havíamos separado lugares e estávamos indo ao encontro de novas emoções, não sabíamos o que viria pela frente, mas, para mim, eu sabia que juntas enfrentaríamos.

Antes da viagem, havíamos preparado tudo o que íamos comer, por sinal, essa ideia nos fez economizar bastante.

Em viagem, todos estavam empolgados. Havia uma caixa de som maravilhosa que nos fez dançar e cantar muito.

Porém, felicidade de pobre dura pouco e a caixa acabou a bateria.

E seguimos viagem, por sorte meu celular estava com bateria cheia e graças a ele me distraía.

O ônibus tinha uns lugares vagos, que graças a isso eu pude pegar dois lugares e dormi a viagem inteira. Lugares esses que me renderam boas discussões. Mais segue o baile.

Depois de quase 20h de viagem chegamos.

E eu com aquela sensação de que finalmente iria tomar um banho. E eu realmente estava certa, que banho maravilhoso. Assim que chegamos ao Rio de Janeiro, pensei que fosse descansar.

Porém, já estava planejando que iríamos ao museu, lugar esse que eu particularmente amei.

Era muito cedo, e não havíamos entrado ainda no Museu do Amanhã. Mas estávamos à andar pelas redondezas dele, conhecendo a área.

Voltamos à UFRJ, almoçamos, eu não comi, pois como sempre estava passando mal.

E finalmente entramos no museu, acompanhados pelo diretor e um guia.

Vi muitas coisas que eu não havia visto antes, que talvez nunca fosse ver. Falamos sobre os eventos que acontecem ao nosso redor diariamente e não paramos para pensar, como será o futuro?

Saí do museu com uma certeza que eu deveria cuidar melhor do lugar onde eu vivo.

Confesso que esperava mais desta cidade, me decepcionei com o estado em que estão os rios, lagos. O descaso, o descuido, foi triste.

Enfim, chegamos ao colégio CAP - Colégio Aplicação, onde iríamos dormir.

Descemos as malas do ônibus.

Assim que chegamos, eu estava com um ataque de alergia, minha pele havia se irritado devido ao calor e o suor.

Fomos recepcionados por alguns alunos e professores do colégio.

Enquanto minhas amigas arrumavam a cama, eu tomava banho.

Mal dormi à noite, e logo cedo fomos tomar café da manhã. Tivermos que nos retirar do colégio bem cedo, devido a compromissos marcados pela escola.

Fomos esperar o ônibus para ir à praia, que foi um lugar maravilhoso. Fiquei com meu grupo, somos 6 amigas.

Uma delas, minha amiga D., depois de ser várias vezes alertada sobre a possibilidade de perder os óculos dentro do mar, perdeu o mesmo. Ao tentar ajudar M., que foi nadar no mar e levou um caldo.

St. e B. quase não entravam no mar, já P. parecia que a qualquer momento ela iria ser levada pela água.

Após queimarmos bastante no sol, retornamos ao colégio.

Estávamos cansados. Eu particularmente estava querendo ir embora para minha casa, estava com saudades da minha mãe, pois não havia nem me despedido dela direito.

Minha vontade de ir embora não estava relacionada com a companhia dos colegas, e sim à saudade.

Último dia.

Eu estava empolgada, fomos à Praia de Copacabana, lugar lindo. E com uma das melhores companhias que foi a nossa professora de Português I. e A., pessoas maravilhosas, vale lembrar.

Comprei brincos e uma bolsa pequena para minha mãe, que ela nem utiliza, e para uma das minhas amigas

Fiquei triste por deixar o Rio de Janeiro, mas saí de lá com novas experiências.

E ansiosa para abraçar minha mãe.

§§§

28. Isadora Martins

Na quinta-feira, dia 14 de setembro de 2017, eu e minha turma embarcamos para a viagem mais esperada do ano, com destino à Cidade Maravilhosa, o Rio de Janeiro. Confesso que semanas antes não me lembrava mais, com o estado financeiro em que a universidade se encontra, imaginei que não teríamos recursos para realizá-la. Depois de marcada a reunião com os pais, tínhamos certeza de que em alguns dias estaríamos a caminho. O que você vai levar, Juju? Bebelá, vai levar lanches para gente? Quanto você vai levar, An.? Jo., e o patê, já tá pronto? Já arrumou a mala, Dan.? Foi assim durante 8 dias até a viagem.

Cinco horas da manhã de quinta-feira, dia 14, eu já estava acordada, na verdade eu nem sequer dormi direito, estava muito ansiosa/animada para isso. Às sete horas já estava pronta com mala e “cuiá” à espera do meu pai, quando ele chegou, dei um beijo em minha mãe e irmã e seguimos para o colégio. Quando cheguei, o ônibus já estava lá, após uma oração todos entraram rumo ao nosso destino. Goiás. Minas Gerais. São Paulo. Rio de Janeiro. UFA, conseguimos. Chegamos, após longas, porém, divertidas 24 horas de piadas, músicas, conversas e bagunça.

Primeira parada: UFRJ. Segunda parada: Niterói. Terceira parada: Museu do Amanhã. Quarta parada: CAP. Esse foi o cronograma do nosso primeiro dia no RJ. Chegando ao CAP, nos deparamos com alguns alunos do ensino médio que nos convidou para conhecer algumas das atividades que lhes foram ensinadas no colégio, às quais, por sinal, aderimos. Depois disso, partimos para o chuveiro, um bom banho e qualquer coisa de comer era o que precisávamos, depois do longo dia de turistas que tivemos.

Segundo dia. Primeira parada: PRAIA. IPANEMA. PRAIA DO DIABO. O dia mais esperado chegou. Quando acordamos, deixamos todos os resquícios de cansaço de lado e partimos, todos animados. As ondas da praia escolhida eram um pouco violentas, mas não foi desculpa para não entrar, passamos o dia inteiro tomando caldo e jogando frescobol, até então, disposição não era o que faltava.

Terceiro de último dia. Primeira parada: Copacabana. Segunda parada: CASA! A viagem foi maravilhosa, não vou negar, mas tenho que confessar que no terceiro dia estávamos um “caco”, nem queríamos ir até Copacabana, mas no final valeu a pena. E assim terminou a nossa LINDA viagem até o Rio.

§§§

29. Layza Alves Correia

Acordei bem cedo, era quinta-feira, eu estava muito animada para a viagem com minha turma. Quando cheguei no colégio, que era o local marcado de partida, meus amigos estavam com um sorriso estatelado no rosto, as meninas estavam verificando suas malas para ter certeza de que não estavam esquecendo nada.

Começamos a levar as malas para serem guardadas no ônibus, para podermos embarcar com tranquilidade. Eu comecei a ficar muito ansiosa para chegar ao Rio de Janeiro. Minha turma estava bem animada, todos começaram a cantar, mas alguns estavam com vergonha, eu mesma estava.

No decorrer da viagem, pude perceber o tanto que a natureza é tão linda, na verdade, eu estava maravilhada com tanta beleza. Meu diretor, aquele homem alto, negro, conversador, estava agitando a turma toda, já a minha professora de português que se chama I. é magra, alta, cabelo liso, que encanta todos com sua simpatia.

A noite chegou, eu já estava cansada de ficar sentada no ônibus, logo em seguida, paramos num posto rodoviário para jantar, estávamos todos famintos e com isso, aproveitamos para banhar. Única coisa que eu queria era que chegasse logo, estou muito ansiosa para conhecer o Rio de Janeiro.

Todos cansados fomos dormir, após um dia longo, a noite passava vagarosamente, o tempo passou finalmente até que chegamos à cidade linda do Rio de Janeiro. Eu fiquei encantada com a imensa beleza da cidade e meus colegas também. Com isso, fomos conhecer o Museu do Amanhã, era tudo tão lindo, mostrava um museu de ciências diferente. Um ambiente de ideias, explorações e perguntas sobre a época de grandes mudanças em que vivemos e os diferentes caminhos que se abrem para o futuro. O Amanhã não é uma data no calendário, não é um lugar aonde vamos chegar. É uma construção da qual participamos todos, como pessoas, membros da espécie humana. O Museu do Amanhã oferece uma narrativa sobre como poderemos viver e moldar os próximos 50 anos.

Após conhecer o Museu do Amanhã, fomos para o colégio federal do Rio de Janeiro, onde iríamos ficar hospedados. O colégio era bem amplo, parecido com o de Goiânia, onde eu estudo. O dia foi passando, logo em seguida fomos arrumar para jantar, a noite foi chegando e fomos dormir, para amanhã continuar nossa jornada com meus colegas.

Ufa, amanheceu, fomos nos arrumar para conhecer mais sobre o Rio de Janeiro. A professora I. disse que iríamos conhecer a praia, para alguns será normal, para outros será surpreendente, por não conhecerem.

Entramos no ônibus e fomos rumo à praia. Ao chegar, eu fiquei encantada com a imensa beleza, foi surpreendente, porque eu não conhecia o mar, pude observar o tanto que a natureza é perfeita. A praia estava lotada com diferentes tipos de pessoas. Eu e meus colegas registramos todos os momentos na praia com várias fotos, pois seria único aquele dia.

Já cansados, fomos embora almoçar num restaurante, perto do colégio onde estávamos abrigados. Após o almoço, fomos descansar um pouco, para mais tarde passear pelo Rio de Janeiro. A noite chegou, fomos banhar e nos arrumar para o tão esperado passeio pelo Rio. Todos estavam prontos, então fomos conhecer melhor sobre o Rio, com isso, eu consegui observar os diferentes tipos de construção de casa, observei também os restaurantes, praça e até mesmo, de longe, o Cristo Redentor.

Após o passeio, retornamos para o colégio, arrumamos as camas e fomos dormir, até amanhecer, após um dia bem exaustivo. Amanheceu, já era domingo, estávamos todos nervosos, pois, era o dia de irmos embora. Mas antes disso fomos à praia para dar o último mergulho e nos despedir daquela beleza natural. No final da tarde retornamos para o colégio para arrumar as malas, colocar tudo no ônibus para poder seguir rumo a Goiânia.

Com as coisas prontas, entramos no ônibus e nos despedimos do Rio de Janeiro de uma maneira especial, cantando, para alegrar a todos. Como todos estavam exaustos, acabamos dormindo, mas alguns aproveitaram para fazer graça e tirar foto dos outros dormindo. O tempo foi passando, eu já cansada mais uma vez de ficar sentada no ônibus, até que amanheceu um dia tão belo, com sol radiante, iluminando todos. Estávamos perto de chegar em Goiânia. Porém, com muita saudade do Rio de Janeiro. Ufa, até que enfim chegamos à nossa cidade.

Paramos no Cepae, o colégio onde todos estudavam, fomos desembarcando e pegando as nossas malas. Os nossos pais estavam com muita saudade e à nossa espera. Com isso, todos se despediram e cada um foi para sua casa descansar e depois contar as histórias aos seus pais para lembrar os momentos incríveis ao lado dos seus colegas.

Essa viagem foi uma experiência para todos, principalmente para mim. Só tenho a agradecer a todos os colaboradores desta viagem.

Pude relacionar o Museu do Amanhã com o livro *A caverna*, de José Saramago. O Museu do Amanhã é um espaço que recebe vários visitantes de todo o mundo, neste Museu as pessoas podem encontrar diversas experiências, parece um planetário, onde usamos nossa imaginação para modificar algo. Já a caverna de José Saramago é um paralelo entre o mito da Caverna, de Platão, com a atual sociedade midiática e consumista.

Esta Caverna, que é representada no Centro, não é considerada apenas um local físico e, sim, como uma espécie de instituição ideológica que representa a sociedade contemporânea, na qual podemos observar que tudo é descartável e passível de substituição.

O Centro funciona como uma espécie de complexo residencial e comercial, que imita o shopping center. Assim como o Centro, o Museu do Amanhã também cria uma “realidade”.

§§§

30. Marcela Ferraz

Pé no Rio de Janeiro

No ônibus, só conseguia pensar o quanto estava ansiosa para chegar, como seria a paisagem? E o cheiro do mar e a areia? Seria diferente de outras praias que já havia visitado anteriormente? Eu, sendo a garota preocupada que sou, havia pensado em todos os cenários possíveis antes mesmo da viagem ser confirmada.

Sentei-me ao lado de minha melhor amiga, Al., e em minha frente MP e um amigo que no momento não recordo qual. Funk no volume máximo enquanto, ao fundo, se ouviam os gritos de animação de meus colegas. Na hora, não pensei dessa forma, mas a positividade deles, por mais que tenha sido bem barulhenta e de jeito nenhum meu estilo, estava elevando o humor de todos e todas.

Nosso transporte acabou sendo melhor do que eu havia previsto, escuro e com ar-condicionado, poltronas duras mas semi-reclináveis. E por esse simples fato sorri, sorri pela oportunidade de poder ter esse momento com meus amigos, memórias para o resto da vida. Minha professora de português havia planejado atividades divertidas que, vivenciadas com meus amigos, seriam, por falta de um vocabulário mais expressivo, inesquecíveis.

E assim fomos, gritos e berros a viagem inteira, mas nada que um Dorflex não pudesse resolver. Estava em paz, estava relaxando, uma breve escapada do caos que é minha vida. A paranoia permaneceu, mas bem no fundo da minha cabeça fútil, justamente como aquela dorzinha nos dedos após escrever por horas sem fim.

"Vinte e quatro horas..." Eu havia chorado internamente antes mesmo de entrar, pessimismo em excesso. Mas, incrivelmente, passou em um piscar de olhos.

Ao chegar no colégio de aplicação, logo escolhemos as salas de aula que usaríamos como quarto, desfazendo as malas, gritando de alegria, e à noite, tenho certeza que até aqueles que não têm insônia crônica não dormiram. Essa foi apenas uma das noites de muitos de jogos, risadas e brincadeiras. Mesmo sendo parecidas, nenhuma foi igual a outra, até brilhavam os olhos ao perceber a lenta escuridão do céu que havia virado sinônimo de piadas internas e muitas gargalhadas.

Mal durmo em minha própria casa, por conta da inquietação que é meu organismo, pensa junto com a aflição que é viajar para um lugar desconhecido. Até meu retorno da viagem, jurei sentir cheiro de música e o gosto de cores por conta da insonolência. Por ter uma semana maravilhosamente planejada, a agitação disparou, me deixando histérica para o dia seguinte.

O Museu do Amanhã! Como descrever essa obra-prima de arquitetura sem o constrangimento de acidentalmente depreciar a beleza de tudo por sua volta e em seu interior? Cada palavra dita por nossos professores-guias era uma melodia de conhecimento, repleta de sabedoria.

Mas a praia! Mal sabia que era possível um mar ser tão azul, e a areia tão branquinha... Muito menos que seria tão divertido ficar horas quase infinitas fazendo castelos e assistindo ao jogo de frescobol. E dessa forma, passamos o restante de viagem, passeando pelas praias do Rio de Janeiro, rindo bem alto e tomando refrigerante até demais. Por ter a pele tão clara fiquei até surpresa por não ter voltado toda rosinha e descascada.

A volta, então, nem senti passar, o cansaço era tanto, de pular ondas do mar, que ao entrar no ônibus, todos entraram em um estado de sono pesado que me lembrava a um coma. Cheguei em casa procurando estrelas cadentes para desejar voltar no tempo, e fazer tudo de novo.

§§§

31. Marcos Paulo Silva

No dia 14 de setembro de 2017, eu e alguns outros colegas do 3º ano do CEPAE (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação) junto à Professora Dra. I. L., o Professor Ms. P. A. L. e o Professor Dr., e também diretor do CEPAE, A. H., embarcamos em uma viagem para o Rio de Janeiro. Nossa principal atração era o Museu do Amanhã.

A viagem de ida tinha duração prevista de 24 horas, mas durou menos que isso. Saímos às 8 horas da manhã da quinta-feira, dia 14, e chegamos às 5h da manhã na UFRJ, mais precisamente na EEFD (Escola de Educação Física e Desportos), onde tomamos banho e fizemos nosso desjejum.

O diretor A., ser supremo e que nunca erra (o mesmo fez questão de deixar bem claro que não erra em momento algum) teve a brilhante ideia de irmos dar uma

volta pela Baía de Guanabara, onde o Museu do Amanhã se localiza. Como grande parte da turma já não possuía bateria nos nossos dispositivos móveis, acabou que não tiramos muitas fotos dessa parte da viagem, principalmente do passeio de barca.

Após essa ida a Baía, nós retornamos para o ônibus, que por sinal chegou atrasado. De primeira, estranhamos muito o jeito do trânsito na “cidade maravilhosa”. Lá os carros dão seta para sinalizar a manobra e já entram, o que em Goiânia seria a causa de vários acidentes.

A. mais uma vez nos agradou muito ao ser nosso guia turístico (além de poliglota, Doutor em Educação Física, o melhor jogador de frescobol do Centro Oeste, nosso diretor também faz bico de guia turístico). Ele nos mostrou algumas favelas, prédios importantes da cidade etc.

Ao chegarmos na EEFD, nós almoçamos lá mesmo, o que nos proporcionou o conhecimento de que, no Rio, o que chamamos de “suco”, lá se chama “refresco” e que o salgado “americano” lá é conhecido como “joelho”.

Na parte da tarde, nós fomos ao Museu do Amanhã, ele não parecia ser muita coisa por fora não, mas por dentro, meu deus... Lá nós fizemos uma reflexão sobre a degradação do homem ao planeta, o que isso gera na atualidade e o que gerará no futuro, caso não paremos com essa exploração.

Após isso, fomos todos para uma outra escola, finalmente, o CAp (Colégio de Aplicação). Lá, eu percebi como o CEPAE é lindo e maravilhoso em termos de estrutura. O CAp é um colégio já antigo, não muito bem projetado e muito menor que o CEPAE, em extensão, não chega à metade do CEPAE, eu creio.

Ao chegarmos, fomos muito bem recebidos por uma turma que, ainda, estava lá fazendo um projeto de física com um professor que se não me engano se chama Beto (devo estar errado). Eles nos mostraram duas brincadeiras que jogamos durante uma parte da viagem.

Após todos esses acontecimentos e a fila do banho, nós fomos todos para um Pizzaria. Na verdade, nos dividimos entre o as 2 pizzarias e o Subway. Eu, o Jo., o M. e o Mik. optamos pela pizzaria mais barata, onde comemos relativamente bem.

No dia seguinte, fomos à Praia do Diabo, eu nunca tinha visitado, mas já tinha ouvido falar. “Passeamos” por Ipanema e a A. quase foi roubada por um sorveteiro. O ensinamento do dia foi: “no Rio de Janeiro, se você não for malandro, serão malandros contigo”.

Mais uma vez acordamos cedo, eu e um grupo até preferimos não dormir. Era nosso último dia na cidade não tão maravilhosa, estávamos cansados e mesmo assim demos o maior rolê pelo calçadão de Copacabana. A parte mais difícil era achar um banheiro não pago.

Retornamos para o ônibus após o almoço, e assim seguimos viagem de volta para Goiânia, dormirmos grande parte do trajeto. Acordamos para as refeições e para as higienes pessoais, nos pontos de parada, e seguimos viagem.

Ao chegarmos de viagem, mais ou menos às 12h do dia 18, a única certeza que tinha não era se a viagem foi boa ou ruim, mas sim que ali não estavam mais meus colegas. Estavam ali meus irmãos e irmãs de outras mães e pais.

§§§

32. Mariana Santos Bizinoto

Já tinha vivenciado viajar com meus amigos de classe no nono, para o HotPark, mas nada se compara com a praia e ainda saber que ia viajar com as Winx (B., D., Isa., A., St., e Pâ.) fez com que todas as vivências fossem guardadas e que novas experiências surgissem. Entrei no ônibus e borboletas voavam no meu estômago, nunca viajei por 24h trancada em um ônibus com pessoas que gostam de mim e outras que odeiam.

Quando paramos pela primeira vez, na ida, eu gritei “OBRIGADA DEUS!” e simultaneamente a D. gritou também. Depois de pegar no verde (risos), decidimos que aquele seria nosso bordão, acho que falamos umas 500 vezes isso... Entramos no Rio de Janeiro, eu não tinha pregado o olho do tanto que estava ansiosa e comecei a passar mal, eu já não estava mais aguentando ficar sentada com aquele ar condicionado no -1°C, mas tudo deu certo e eu consegui cochilar. Ainda bem que chegamos na EFED (Faculdade de Educação Física e Dança)! A diferença que eu percebi entre nosso Campus e o de lá é que o do Rio é bem maior, mas existem vários prédios desativados, outros que estão em construção e não sei se é só a EFED, mas ela estava em péssimo estado.

Conhecemos o Museu do Amanhã e o Leon, o nosso guia, mostrou que o mundo somos nós e que se nós não cuidarmos dele vamos morrer. Ele também falou sobre cultura, mostrou o quanto a Baía de Guanabara é suja e explicou o motivo de ela ser assim, devido aos esgotos das favelas que são despejados nela. Fez com que eu tivesse mais consciência sobre o meio ambiente que é o mais importante da vida! Depois, fomos para o CAP (Colégio Aplicação do Rio) e eu pensei que ele era maravilhoso, mas o nosso, mesmo com aqueles macacos que roubam nossa comida, ganha de 1000 do deles... Chegamos brigando com os funcionários sem educação que estavam limpando as salas. Vale lembrar que o povinho que mais anda com a cara fechada é o tal do carioca!

Ficamos na sala “Atura ou Surta”, nada mais justo né?! Até a professora I. e Al. aderiu e ficou com a gente. Sempre fomos excluídas das coisas que as outras meninas fazem, mas isso nunca foi um problema para nós. Bom, para mim, nunca fez diferença, até porque eu garanto que as Winx se divertiram mais que as outras! No dia da praia, eu estava muito animada, pois fazia um tempo que não via o mar e mesmo o sol não aparecendo cedinho, o dia amanheceu lindo... Chegamos e a

primeira coisa que fui fazer foi molhar o meu pé e aquela nostalgia tomou conta do meu corpo todo. Levei minhas amigas para tomar bons caldos comigo e eu nunca ri tanto, quando um cara doido quase mordeu a trança da D. Depois da praia, estávamos esgotadas, até chegamos a ficar com cara fechada uma pra outra. Em uma relação sempre vai haver atrito e esse dia foi o único em que houve.

No último dia, o gostinho de saudade já estava pairando, a única coisa que eu não sabia é se era saudade do Rio ou saudade de casa. Acho que a de casa falava mais alto, ainda mais eu que não parei de falar com os meus pais nenhum só segundo, por WhatsApp. O estranho é bom, traz novas experiências, emoções, sensações e sentimentos, mas logo se torna normal e eu queria tanto voltar pros braços da minha família, ainda mais sabendo que a Enouyse (A. L., minha irmã) tinha várias coisas para me contar!

A cidade é bonita na arquitetura e Copacabana é sempre movimentada. Uma pena eu não ter visto nenhum famoso. Comprei várias coisas para o povo daqui de casa e a I. até pagou uma água de cocô para gente e, olha, ela estava muito boa! Nem é puxando saco, estava boa mesmo! Até que chegou a hora de partir, a hora mais difícil de todas, a hora em que você para e pensa em todas as coisas que fez e em todas as experiências e emoções que teve e adquiriu. Mas não há nada mais aconchegante do que saber que você vai poder deitar na sua cama e dormir pra caramba!! Cheguei Goiânia!

§§§

33. Pâmela Souza Machado

Ainda não me caiu a ficha de que a turma foi para na cidade maravilhosa. Nas vésperas, ficava muito ansiosa para ir. No dia então... faltava morrer! Durante as 21h que passei dentro daquele ônibus, eu me distraía com a animação da galera, mas ao mesmo tempo vinha em minha mente a ansiedade de saber como era o Rio de Janeiro, se realmente era como boa parte das mídias representava.

Chegamos lá na sexta-feira (15/09), e só de chegar e ver aquele movimento de carros às 5h30 fiquei chocada, porque eram muitos carros, muitos mesmo.

Descemos pra UFRJ, e já senti uma grande diferença, porque aqui, em Goiânia, o Campus é diferente demais, não sei uma certa palavra para defini-lo, mas percebi que lá é bem maior, a todo minuto tem uma linha de ônibus, tem uma organização que aqui no nosso campus não tem.

Fomos passear na cidade, conhecer como é, e ao ver a favela, fiquei muito emocionada e espantada, porque era do jeito mesmo que é retratada; achei muito diferente a forma de vida deles, me deu vontade de ir andando pelas ruas das favelas. Fomos parar na Praça Mauá, a turma andou tanto que me deu muito cansaço. Enquanto admirava as paisagens daquele lugar, muita coisa me chamou atenção. É que os soldados da Marinha se preparavam, corriam ali mesmo e que não podíamos

atrapalhar eles nesse momento; outra coisa que me admirou muito foi a cidade muito limpa. Na Praça Mauá, vimos uns barcos, navios, que pelo que vi eram da Marinha brasileira, né. Naquele passeio à praça, eu e minhas amigas nos divertimos demais, e lá até decidimos um nome para o nosso grupo “As Winxs”, isso é uma referência a um desenho animado.

À tarde, fomos a um passeio ao Museu do Amanhã, esse museu é bem recente, tem mais ou menos um ano de existência, e que museu lindo! O objetivo desse museu já diz tudo, a intenção é explorar as possibilidades do futuro, por meio de audiovisuais, instalações interativas e jogos. Ao fazer esse passeio por dentro do museu, o guia explicou cada exposição, e fez um debate com a turma que estava com o melhor diretor, claro, né. No museu, fiz uma reflexão bem profunda, em saber qual o meu papel no mundo, se era ajudar a dar um futuro às futuras gerações ou se é ajudar a prejudicar o que está acabado?! E hoje, mudei minha percepção sobre as minhas atitudes. Mas antes, fizemos um passeio de balsa até Niterói, já tinha andando de balsa, mas naquela, aquela balsa era muito chic! Na ida eu dei umas cochiladas, porque o cansaço estava demais, né, mas vi umas cenas que me deixaram mais ainda triste: a Baía de Guanabara, toda suja é uma vista que mexe com os turistas. Descemos em Niterói e fui tentar por créditos no celular, mas fiquei indignada porque os comerciantes do Rio eram muitos devagar, até que meus amigos disseram que eles são assim para facilitar a malandragem, e percebi isso mesmo numa cena que ocorreu na praia, e que vou contar depois. Depois desse dia longo, em que fiquei com muita dor nas pernas de tanto andar, fomos para o CAP. É a escola também da universidade, mas muito diferente da nossa, muito mesmo! Fomos bem recepcionados por alguns funcionários e alguns alunos que estavam lá só esperando nossa chegada, com esses alunos fizemos 2 brincadeiras, que vou falar... desisti de primeira, porque não tenho coordenação motora e essas brincadeiras pediam isso, viu! Depois dessa diversão, cada um foi tomar seu devido banho, eu já não aguentava mais, precisava de um bom banho, mas era o seguinte, a água era fria, eu não dou conta de banhar em água fria, quase infarto ao entrar em água assim, mas tive que fazer isso, porque já passava da hora de banhar, já estávamos azedas (generalizando mesmo). De banho tomado, fomos jantar, eu preferi experimentar a pizza carioca e vi uma diferença: o tempero é mais forte! Já de noite, não tínhamos nada a fazer, muita gente foi dormir cedo porque o cansaço era muito, mas eu e as Winxs ficamos de papo até tarde, e dormimos num quarto que estávamos somente nós, a professora e a Al. Ah, adorei, o nosso quarto foi o MELHOR QUARTO. Dormimos eram quase 2h da madrugada, mas já ansiosas porque no sábado iríamos passar o dia na praia!

Deu 6h da manhã e já estávamos prontíssimas, mas tínhamos que tomar o café da manhã, na verdade nem tomamos, porque era muito caro, e ninguém teve a coragem de pagar 10\$ num pão passado na chapa, mas tranquilo. Depois do café fomos nos organizar para irmos à Praia do Diabo. Estávamos desacreditadas porque o tempo estava fechado e estava fazendo frio. Mas quando pisamos na praia, o sol veio, e eu fiquei muito emocionada, porque estava sendo minha primeira vez que

estava indo à praia e, meu Deus, que coisa linda! Já cheguei filmando o local, pisei na areia e a água veio aos meus pés e que água gelada, muito gelada. Naquele momento, todos começaram a entrar no mar e eu não fiquei de fora, né, entrei também, e durante esses momentos na praia com toda a turma, vi cenas que não imaginava, vi as inimigas super íntimas das Winxs e até que gostei disso. Nessa viagem não teve briga (até o momento da praia, né).

Na praia presenciei dois constrangimentos, um deles foi com uma colega nossa, um comerciante tentou passar a perna nela, mas goiano não é besta, não, tomamos nossas providências e deu tudo certo, já a outra foi com um rapaz que escorregou de uma pedra e deu muito trabalho pra salvá-lo, mas no final das contas deu tudo certo.

À noite, voltamos para o CAp, e deu a hora da janta, mas como muita gente estava cansada e não queria sair, teve uma galera que pediu que entregasse comida para gente, lá no CAp, e deu tudo certo! Nessa noite, fui dormir cedo porque estava mais cansada. Era 0h e já estava na cama, foi até bom, eu dormi esse horário porque no domingo iríamos acordar cedo para organizar as coisas para irmos embora e antes do almoço caminharíamos em Copacabana. Estava na esperança de ver algum famoso lá, dando uma volta, podia ver mesmo, estávamos no Rio de Janeiro, em pleno Rock in Rio, e não vimos nenhum famoso??! Depois de bater muita perna, fomos almoçar, e lá eu encontrei o resto da turma. Tínhamos sido divididos em quatro grupos, mas o meu grupo já estava alimentado. Ficamos de papo, enquanto boa parte da turma estava almoçando, na verdade estávamos de papo com o amigo da D. que mora em Niterói. Eu o adorei, muito gente boa e deu super certo com as Winxs. Todos já estavam alimentados e fomos ao encontro do ônibus para retornarmos a Goiânia.

No caminho, começamos a ficar bem animados com o diretor e começamos a cantar samba, a dançar no meio da rua, isso foi bem divertido, quero mais!

Na volta, achei muito rápido, estava tão cansada que passei a viagem dormindo e cuidando do meu Best que estava passando mal, melhor amiga do que eu não há, viu! Chegamos em Goiânia, na segunda por volta 11h45, e estava louca para chegar em casa e tomar um banho quente, porque eu já estava em desespero por um bom banho. Cheguei em casa bem contente, pois a turma se uniu nessa viagem! Quero de novo, espero que essa viagem fique na memória de todos!

§§§

34. Saymon Gabriel

Ah, aquela viagem! Viagem da capital do pequi para a terra carioca, onde o Cristo Redentor brilha, e brilhou. Mesmo não podendo vê-lo, senti sua majestade perante os cariocas e turistas que, assim como eu, creio que estavam na cidade maravilhosa, além de, é claro, por assuntos pessoais, para admirar a beleza de uma cidade que apresenta tantas atrações naturais, como o Pão de Açúcar. Pena que não deu para tocá-lo, porém, senti-lo foi possível através dos raios do sol que irradiavam

de longe a sua beleza. Porém, mesmo não conseguindo ver de perto e tocar essas maravilhas que citei, durante a minha viagem tive muitas experiências que recomendo que outros venham a ter também. Uma delas é a sensação maravilhosa de conhecer e sentir o mar, experiência tal que vivenciei no terceiro dia dessa viagem que durou 4 dias.

Muito foi o tempo que gastei junto aos meus companheiros na estrada, cerca de 2 dias; alguns até pensam que deve ter sido bastante difícil passar esse tempo na estrada, entretanto foi até fácil, principalmente no quarto dia, quando retornamos para nossos lares. No primeiro dia, confesso, sim, que foi meio difícil, acho que pela pressão psicológica de saber que eu iria passar um dia quase que inteiro da minha vida dentro de um ônibus, porém a viagem foi bastante divertida, pois junto aos meus acompanhantes realizamos várias atividades interessantes, incluindo “festinha dentro do ônibus”. Foi bastante engraçado, alguns até dançaram. Quando chegamos na cidade maravilhosa, ela nem parecia tão maravilhosa assim, pois estávamos todos cansados e precisando de um banho, sendo assim fomos todos para a UFRJ tomar um banho e um café da manhã.

Pelo que me disseram antes da viagem, cheguei à conclusão de que os habitantes do Rio de Janeiro eram bastante “malandros”, na verdade até são, mas não tanto quanto me disseram. A realidade é que alguns são bastantes simpáticos, mas sempre é bom ter cuidado com o modo de agir nesses lugares que não conhecemos. Muito me disseram para tomar cuidado com assaltos e roubos. A verdade é que nessa grande capital, é mais fácil ser assaltado pela conta de um restaurante do que por um mulato morador de alguma favela perigosa. Também senti a “fachada” quando fui comprar as lembrancinhas de viagem, no último dia na cidade, os preços variavam muito e como o professor A. disse, o correto era pechinchar. Uma das experiências que mais gostei durante essa viagem foi a de conhecer o mar, de sentir a sua força e de curtir bastante as suas ondas, jogar frescobol na praia também é uma prática que adorei, principalmente depois de cansar de ficar na água gelada do mar.

Depois que almoçamos na UFRJ, fomos dar uma volta pela cidade, para aproveitar a viagem e conhecer aquele território até então não descoberto. Talvez umas das coisas que mais me fizeram pensar a respeito de como o horror (vivenciado nas favelas) pode ser superado pela beleza da natureza, que exhibe seus grandes vales, morros e praias, é a proximidade entre a realidade dura da população local de baixa renda e as grandes construções, que rasgam a cidade até os pontos turísticos.

Tive uma sensação muito estranha quando fui à feira, na verdade foi até engraçada.... Pois antes dessa viagem, a única pessoa que se denunciava ser carioca que eu conhecia era o diretor A., e devido ao seu sotaque, quando eu estava na feira, mesmo sabendo que ele não estava conosco, toda hora eu pensava que ele estava chamando alguém, e na verdade eram as pessoas que estavam na rua conversando e tocando normalmente suas vidas. Outra experiência que vale a pena ser lembrada é a que vivi no “Museu do Amanhã”, um museu que quebra a regra de que todo museu

deve expor itens e fatos que ocorreram no passado; a exposição desse museu falou muito sobre coisas que eu até já sabia, porém com um tom mais moderno, exibindo como os acontecimentos atuais e do passado vão interferir no nosso futuro.

A beleza de uma parte do centro urbano da cidade do Rio competia com a beleza da natureza daquele lugar; onde prédios foram construídos por cima de grandes rochas e na beirada de imensas montanhas, estas que por sua vez estavam por todo lado, exceto é claro para uma direção, a do mar; este outro que exibia sua imensidão e suas ondas, as quais aproveitamos bastante.

§§§

35. Stefany Monteiro Peixoto

Desde o início do ano havia, no geral, grande expectativa sobre a viagem ao Rio de Janeiro, especialmente entre aqueles que nunca haviam visto o mar. Quando a viagem foi confirmada, houve uma esperançosa contagem regressiva até o último dia. Por já ter tido experiências semelhantes, de imediato reconheci na viagem uma promessa de aprendizado enorme, não somente acadêmico, obviamente.

No dia da partida, o entusiasmo era visível e continuou em boa parte das quase 23 horas de viagem. O fundo do ônibus - aonde me sentei - parecia estar em constante festa: havia música, dança (mesmo com o ônibus em movimento), cantorias e piadas, enquanto na frente tudo parecia mais calmo, mas não menos otimista em relação ao leque de possibilidades do passeio.

Chegamos ao Rio pela manhã e das janelas do ônibus tivemos nossas primeiras impressões sobre a cidade. Vimos os painéis de acrílico que separam o conjunto de favelas/comunidades da Maré do restante da cidade, e, apesar da negação da Secretaria Municipal de Turismo, todos tiveram a impressão de que o muro realmente pretendia isolar o lugar, devido ao histórico de negligência com a população marginalizada no país.

Além disso, a poluição era notória. Nenhum dos alertas ou comentários que antecederam a viagem nos prepararam para o mau cheiro do lugar, sequer o mencionaram, o que ficou ainda mais claro quando fomos à Niterói de barco: os rastros no mar deixados pelos barcos que permaneciam por um longo período de tempo devido a poluição da água, as manchas de óleo que conseguíamos ver pelas janelas do barco, a cortina cinza que nos impedia de ver o horizonte etc.

Ao mesmo tempo, o amontoado de casas e prédios antes vistos em filmes agora era palpável, e foi difícil não pensar em quão apaixonante o lugar aparentava ser, em como a paisagem parecia ter sido feita sob medida para grandes histórias. Mas a cidade parecia dominada pelos extremos. Tudo parecia exageradamente grande, bonito ou triste; ou mesmo os três juntos. As construções grandiosas, a paisagem belíssima, e a desigualdade e a pobreza, infelizmente mais nítidas a cada esquina, extremamente tristes, além de revoltantes.

O Museu do Amanhã, que tem como proposta fazer suas exposições e instalações utilizando diversos recursos tecnológicos, principalmente o audiovisual, reforçou a consciência sobre a necessidade de mudanças na sociedade como um todo, antes que seja tarde demais. O que valorizamos, nossas prioridades, como consumimos, produzimos, vivemos, crescemos, somos formados e formamos as futuras gerações precisa ser repensado. Já causamos danos irreversíveis ao planeta e seus inúmeros habitantes.

De início a praia foi motivo de insatisfação geral, pois o mar parecia muito perigoso. Mesmo assim, não demorou muito para que as primeiras pessoas entrassem no mar (e fossem também derrubadas pelas ondas logo depois), e logo boa parte da turma fez o mesmo (sendo igualmente derrubados). Passamos o dia na praia, alguns jogaram frescobol, outros preferiram se sentar na sombra e outros passaram boa parte do tempo no mar. Fato é que o dia terminou com cansaço, algumas dores musculares e queimaduras solares.

Vários laços de amizade foram construídos e intensificados com as conversas, debates, piadas, divisão de lanche e de cobertores no frio do ônibus durante a noite. É triste pensar que a viagem tenha nos aproximado e que em poucos meses seremos separados pela vida, mas a esperança de nos encontrarmos durante o caminho e a consciência de ter conhecido pessoas que contribuíram, contribuem e contribuirão enormemente de diversas maneiras para minha formação pessoal e acadêmica faz valer a pena.

36. Stella Gontijo Xavier

Quando entrei no ônibus com destino ao Rio de Janeiro junto com todas aquelas pessoas, cerca de 40, entre amigos e algumas que eu não conhecia bem, não podia imaginar um terço do que seria essa viagem. Aparentemente estava tudo certo, roupas confortáveis, muitas coisas para comer e beber nas cerca de 22 horas que passaríamos ali dentro até chegar ao nosso destino, música e muita animação.

As primeiras horas foram assim, muita cantoria, muita bagunça e, ali, percebi os primeiros sinais da aproximação que todos nós tínhamos durante os dias de viagem. No decorrer da viagem conversei bastante, tirei muitas fotos e me diverti. Eu diria que todos dormimos vencidos pelo cansaço, o que demorou, já que a ansiedade nos manteve acordados até altas horas.

Ao chegar no Rio, fomos direto para a EEFD da UFRJ. Estava sedenta por um banho e não há sensação melhor do que estar limpa após uma viagem tão longa. Lá, além de tomar banho, aproveitamos para tomar café da manhã. De lá, fomos visitar os arredores do Museu do Amanhã. Como é lindo! A cada quarteirão da rua se observa uma arquitetura belíssima e que, ao mesmo tempo, esconde a dura realidade das periferias do Rio de Janeiro. Isso me chocou bastante. O contraste social existente na cidade é assustador, de um modo que eu nunca imaginaria. Favelas enormes que

muitas vezes só vemos em filmes ou noticiários da TV, uma realidade que parece tão distante de nós, mas que é apenas “camuflada” aos nossos olhos.

Além disso aproveitamos para fazer um bate-volta de barca para Niterói, que foi muito gostoso e ajudou a descansar um pouco. Voltamos a UFRJ para almoçar, já que a visita ao museu estava marcada para as 14 horas. O dia estava muito quente, era impossível fugir do sol. O que mais gostei do pouco que conhecemos da UFRJ, foi a diferença no transporte público dentro do campus. Além de passar muito mais vezes durante um curto espaço de tempo, o que evita a superlotação, os ônibus não têm catraca, o que, no meu ponto de vista, aumenta o espaço físico da lotação.

A visita ao museu com toda certeza superou minhas expectativas. Normalmente temos a ideia de que museus são chatos, mas esse me envolveu muito em cada pedacinho da visita. Me senti conectada às obras ali expostas, e reflexiva também, não só sobre o que acontecia ali, mas sobre tudo que faz parte do mundo em que vivemos e da forma que fazemos uso dele, e isso influencia no presente e no futuro. Foi uma das melhores partes da viagem.

Quando chegamos ao Colégio de Aplicação da UFRJ, estava muito cansada e apesar de toda receptividade dos alunos e diretores do colégio, foi realmente angustiante participar das brincadeiras de boas-vindas antes de nos acomodarmos na escola, já que estávamos loucos para arrumar nossas coisas e tomar um banho.

Outra coisa que impressionou foi a estrutura da escola, que deixa muito a desejar em relação a nossa.

Fomos comer pizza em um restaurante pouco à frente da rua da escola, e percebi que, onde fôssemos, todos saberiam que éramos turistas. Não sei se pelo modo de nos vestir, talvez principalmente por andarmos sempre em grupos, mas acho que o modo de agir diz muito sobre nós e, estando em um lugar diferente de onde vivemos, até coisas simples acabam se tornando novidade, o que evidenciava ainda mais nossa situação de turistas.

Não dormi cedo naquela noite. Sim, eu estava cansada, mas não podia deixar de aproveitar cada momento, e ficar até tarde conversando e me divertindo com meus amigos valia mais naquele momento que qualquer noite de sono.

O dia seguinte foi de praia e, para minha tristeza eu estava “naqueles dias”, não quis entrar na água. Eu já conhecia o mar, não aquela praia, mas outras do Nordeste e de São Paulo, então não fiquei tão chateada por isso. Molhei bastante os pés e me mantive o tempo todo na areia, mas me diverti bastante com todo mundo. Houve um momento em que senti o real perigo do Rio: um homem tentou furtar meus óculos de sol, que eu havia acabado de tirar do rosto e pendurar na parte de cima do biquíni, enquanto eu e um grupo de amigos juntamente com a professora decidíamos o que iríamos pedir para comer em um quiosque da praia.

Se eu estivesse só talvez nem tivesse percebido. O homem me parecia estar sob efeito de drogas, e agiu ao ver que ninguém o daria dinheiro. Eu não sei o que aconteceu, mas eu realmente estava distraída, demorei a perceber que ele iria pegar meus óculos, meus amigos que não deixaram. Fiquei mais nervosa depois disso. Não aconteceu nada, mas poderia ter acontecido, ele poderia estar armado ou me agredir, nunca se sabe. Sei que não andei sozinha em nenhum momento e fiquei muito agoniada o resto do dia. Cheguei a chorar de nervoso. Um homem que vendia picolés também foi super grosso e mal-educado comigo e outros amigos, além de protagonizar outro caso com uma colega, em que ele tentou ficar com 10 reais dela e acabaram tendo que acionar a polícia para intervir. Meu medo só aumentava.

Fiquei tensa o resto do dia até voltarmos para o CAp. Nesse dia, muita gente, incluindo eu, resolveu pedir comida por aplicativo, ao invés de sair da escola para o restaurante. Pedi um sanduíche e chegou bem rápido. Mais uma noite em que não dormi cedo. Nesse dia eu estava até um pouco triste, por causa da TPM eu acho, mas apesar de tudo foi um dia bom.

No dia seguinte, domingo, últimas horas de viagem, passamos a manhã em Copacabana, andamos no calçadão tirando fotos e comprando lembranças, divididos em pequenos grupos. Eu e minhas amigas escolhemos ficar com nossa Professora. Nosso grupo era constituído por ela e as sete alunas que dormiam na mesma sala de aula. Foi legal passear por Copacabana, achei o calçadão muito lindo e ainda paramos para tomar água de coco, oferecida pela professora. Mais tarde um pouco fomos a um quiosque do Habib's que ficava no caminho para o restaurante onde todos os grupos deveriam se encontrar para almoçar e regressar ao ônibus de volta a Goiânia. Eu e minhas amigas resolvemos comer no Habib's ao invés de comer comida, e por descuido, deixei minha sacola com lembrancinhas no balcão do quiosque, quando percebi, alguém já tinha levado.

Entristecida por ter perdido as lembrancinhas, fui para o restaurante com todas e lá conheci o T. Ele mora para lá de Niterói, e foi até o Rio só para ver a D., minha amiga que é amiga dele há muito tempo, mas que eles ainda não se conheciam pessoalmente. Foi muito legal conhecê-lo porque ele é uma pessoa muito divertida e conversou com a gente durante um bom tempo enquanto o resto da turma e professores ainda estavam almoçando. Depois disso caminhamos até o calçadão para esperar o ônibus, ali estava nossa despedida. Fomos cantando sambas e pagodes com nosso diretor, e presenciamos uma caminhada contra a intolerância religiosa. A avenida estava lotada de gente usando roupas brancas e embalando canções de respeito ao próximo. Dalí partimos rumo a Goiânia. Dessa vez sem muita bagunça, todos estavam cansados e a volta foi 80% com a maioria dormindo. O tempo passou mais rápido do que a ida. Chegamos ao CEPAE ainda em horário de aula, na segunda, então alguns colegas acabaram nos recepcionando. Foi uma viagem inesquecível. Já estou sentindo saudade. Quem dera alguns momentos durassem para sempre. O que importa é que estarão sempre guardados em minha memória.

37. Ysabela Jerônimo

O adeus é sempre uma tristeza! Não porque sabemos que aquela aventura vivida terminara, mas, sim, por tudo aquilo que vimos – as mais belas paisagens – antes do "até breve".

Quem diria que para adotarmos uns aos outros como família, o necessário era apenas um trabalho em grupo, quando, ainda estranhos, deveríamos olhar pelo outro.

Não é apenas pelo lugar, nem pela cultura, pela comida ou pelos presentes. É pelas pessoas que estão ao lado e que finalmente conheço. É pelas aventuras que tive com elas, pelas danças e pelas músicas cantadas a quem podia nos ouvir. É por todos os apuros que passamos juntos, assim como cada momento de felicidade.

– "Afoguei com vocês, dormi e acordei com vocês, corri (e como corri!) e ri mais do que podia".

Não são apenas os lugares que visitamos que fazem a viagem e, sim, as pessoas dispostas a fazerem dessa viagem unicamente inesquecível, cada um à sua maneira.

ANEXO

RELATO DE VIAGEM

Texto 1

Literatura de viagem (também conhecida como Literatura Odepórica em grego: ὀδοιπορικός "viagens"), é um gênero literário que consiste geralmente em uma narrativa acerca das experiências, descobertas e reflexões de um viajante durante seu percurso. Ilustra as pessoas, os eventos e aquilo que o autor vê ou sente, quando se encontra num país estrangeiro ou em lugar estranho. Não é necessariamente um guia para aquilo que experimenta, ou sente, o autor-viajante mediante a visão de novos territórios ou encontro com novas culturas; explicita uma maior emoção e subjetividade no linguajar.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_de_viagem> Acesso em 20 set. de 2017.

Texto 2

Os relatos de viagem ilustram como o sentido do lar e do outro é produzido e transformado.

A ligação entre viagem e busca de conhecimento é clara e transcende as fronteiras culturais e históricas.

As narrativas de viagem são atos de tradução, práticas de ver, fazer, fazer-se ver, ouvir e fazer-se ouvir.

Disponível em <<https://bibliasp.org/relatos-de-viagem/>> Acesso em 20 set. de 2017 [Adaptado].

Proposta

Produza uma narrativa em que você faça um relato da viagem que fez ao Rio de Janeiro. Para a produção de seu relato, considere as afirmações, definições e conceitos expressos nos Textos 1 e 2. Construa sua narrativa com base no que você viu, tocou, vivenciou, sentiu, mas, sobretudo, ao tecer o enredo dessa história, exponha suas impressões, emoções, sensações, sentimentos suscitados a cada momento, a cada experiência vivenciada. Ou seja, dê ao seu relato o colorido singular da sua imaginação, da sua criatividade. Para concluir a narrativa, relacione sua experiência com o Museu do Amanhã com a seguinte passagem do livro *A caverna*: “Só estou a dizer que não percebo como pode alguma coisa acontecer, ao mesmo tempo, dentro e fora de um lugar” (SARAMAGO, 2000, p. 319).

OBSERVAÇÃO: para quem não participou da viagem, o relato constituir-se-á em ficção. Você assumirá a posição de alguém que foi, imaginará como teria sido essa viagem e construirá sua narrativa sustentada pela criatividade de sua imaginação.

BOM TRABALHO!!!

